

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

RENATA BARBOSA MAURY

UMA PRODUTORA PARA DJECA:  
ESTUDO DEDICADO À PAM FILMES

NITERÓI, RJ

2011

**RENATA BARBOSA MAURY**

UMA PRODUTORA PARA DJECA:  
ESTUDO DEDICADO À PAM FILMES

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientador Prof. Dr. ANTÔNIO CARLOS AMANCIO DA SILVA

Niterói, RJ

2011

**RENATA BARBOSA MAURY****UMA PRODUTORA PARA DJECA: ESTUDO DEDICADO À PAM FILMES**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense como requisito para obtenção do Grau de Bacharel.

Aprovada em Julho de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. ANTÔNIO CARLOS AMANCIO DA SILVA – Orientador

UFF

---

Prof. Maria Tereza Mattos

UFF

---

Prof. Dr. Maurício de Bragança

UFF

Niterói, RJ  
2011

Dedico este trabalho à minha estimada avó Dorotéa Rodrigues Barbosa (in memoriam) por ter me apresentado as obras de Mazzaropi e a minha querida mãe Maria Nazareth Barbosa Maury pelo apoio incondicional. A minha eterna gratidão pela dedicação e amor.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal Fluminense,

Ao Professor Doutor Tunico Amancio, pelo constante apoio e atenção,

Aos meus pais e irmãos pelo amor, força, ensinamentos e companhia ao assistirem comigo às obras da PAM Filmes,

Aos meus familiares pelo carinho e incentivo,

Às minhas amigas Annanda Galvão, Elisa Nogueira e Michelle Nahas por toda a paciência e carinho nos bons e maus momentos

À minha amiga Ana Terra Andrade e toda a sua família pela calorosa recepção em Taubaté.

A todos os que de algum modo contribuíram para a realização desse trabalho.

À existência de Amácio Mazzaropi por sua contribuição a cultura popular brasileira.

*Enobrecer os sentimentos do homem e enriquecer-lhe a vida proporcionando alegria e sentido é a missão da arte.*

*Mokiti Okada*

## **RESUMO**

O presente projeto de pesquisa propõe um estudo sobre a produção cinematográfica brasileira através de uma companhia: a PAM Filmes. A partir da análise dessa produtora este trabalho terá como objetivo evidenciar de que forma a articulação entre produção e comercialização, aliada a uma temática popular do produto audiovisual, contribuiu para a penetração e circulação de filmes no mercado brasileiro através da elaboração de um efetivo sistema de produção cultural.

**PALAVRAS CHAVE:** PAM Filmes, Cinema de Massa e Sistema de Produção Cultural

## SUMÁRIO

Introdução.....	09
1- O surgimento da PAM filmes	
1.1- Quem foi Amácio Mazzaropi? .....	12
1.2-Estreia Produções Amácio Mazzaropi.....	18
2- Atuação da Produções Amácio Mazzaropi no mercado.....	21
2.1-A Companhia Cinematográfica Vera Cruz.....	28
2.2-A Cinematográfica Maristela.....	32
3- O legado da PAM Filmes.....	35
Conclusão.....	48
Referências Bibliográficas.....	50
Anexos.....	52



## INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como intento analisar a forma de operação mercadológica bem como a produção simbólica realizada pela PAM Filmes, de forma a conhecermos a relevância do trabalho desenvolvido por essa produtora.

Para a elucidação destas reflexões é preciso apontar as mudanças político-sociais ocorridas no Brasil durante a década de 1930, ocasionando por meio do êxodo rural, um crescimento demográfico urbano. De acordo com Nestor Garcia Canclini “passamos de sociedades dispersas em comunidades rurais com culturas tradicionais, locais e homogêneas, a uma trama majoritariamente urbana” (2003, p: 285), fenômeno que contribuiu para a consolidação de meios de comunicação massivos, entre os quais o cinema.

Nessa conjuntura de transformações, o Estado brasileiro, buscando legitimar seu poder, realizou reformas em diversas áreas, inclusive na atividade cinematográfica. Com a existência de leis referentes à obrigatoriedade de exibição houve a necessidade de se comprovar a singularidade do filme nacional. Assim “o cinema vai ligar-se à fome das massas por se fazerem visíveis socialmente” (MARTIN BARBERO, 2003, p: 244) principalmente através da inserção de temáticas essencialmente brasileiras.

Dentro desse contexto, ressaltamos a Produções Amácio Mazzaropi, fundada em São Paulo em 1958 pelo ator Amácio Mazzaropi, que buscava obter maior controle sobre sua carreira. Durante vinte e oito anos, a empresa exerceu suas atividades de maneira independente a quaisquer financiamentos, sustentando-se a partir dos lucros provenientes da comercialização de suas obras de retumbante sucesso popular, conseguindo, também, manter uma considerável estrutura para a realização das mesmas. O trecho a seguir, retirado de uma entrevista concedida por Mazzaropi, despertou nosso interesse sobre o trabalho realizado por sua produtora:

O meu trabalho a crítica nunca malhou, nunca pichou eles falam das fitas. Eu não sei o que eles querem realmente, ou talvez eu saiba o que eles querem, mas não possa contentar a crítica e o povo. (...) Então eu parti para o povo porque para eu ter uma indústria de cinema, eu preciso do povo. O povo é quem traz o dinheiro ao cinema. (...) Só com a crítica eu não faço cinema, só com troféus eu

não faço cinema, porque o laboratório não aceita troféus em pagamento, nem os artistas. Então todo o mundo fala de arte, mas na hora do dinheiro, todo mundo prefere o dinheiro. (...) Também parti para o dinheiro porque com dinheiro eu faço um bom estúdio. (...) E graças a essas fitinhas, posso transformar tudo isso num grande estúdio. (Informação verbal<sup>1</sup>)

Embora a empresa tenha se firmado em seu próprio mercado desde o início de sua atuação, atingindo autonomia e garantindo um público fiel, raros são os estudos que citam o trabalho efetuado pela Produções Amácio Mazzaropi. Dessa forma, escolhemos a PAM Filmes como objeto de estudo de nossa pesquisa procurando fomentar novos questionamentos acerca da produção cinematográfica brasileira.

De modo a fundamentar a PAM Filmes como tema central da pesquisa, utilizamos uma ampla gama de teóricos que tratam da historiografia do cinema nacional, biógrafos de Mazzaropi e teóricos da comunicação. Procuramos também assistir às películas que fazem parte da filmografia da produtora.

Recorreremos primeiramente a autores que traçaram um panorama da história do cinema brasileiro, como Alex Viany, Paulo Emílio Salles Gomes e Jean Claude Bernardet. Através desses estudos compreenderemos como se deram os primórdios da atividade cinematográfica no Brasil e as dinâmicas envolvidas nessa consolidação.

Devido à inexistência de estudos exclusivamente sobre a produtora buscamos também ampliar nossos conhecimentos em relação ao Jeca, único protagonista dos filmes produzidos pela PAM, consultando teses com temática focada nesse personagem, estudos que se dedicaram a investigar a carreira de Mazzaropi e o material contido no site do Museu Mazzaropi, além de obras que abordam o impacto das mudanças sociais na cultura, de maneira a percebermos como tais interferências estiveram refletidas na filmografia da empresa.

Como parte de nossa metodologia, visitamos o Hotel Fazenda Mazzaropi situado em Taubaté, interior do estado de São Paulo, onde efetuamos a pesquisa de campo. Lá, conhecemos o Museu Mazzaropi, mantido pelo hotel fazenda, onde se encontra parte do acervo da PAM. A partir

---

<sup>1</sup> Trecho de entrevista de Mazzaropi realizada em 1975, exibido no programa televisivo *Arquivo N* em 15 de junho de 2011.

dessa visita, realizamos algumas considerações sobre a produtora, referentes principalmente ao modo de produção, pois percorremos seus últimos estúdios, que funcionaram no mesmo espaço do hotel.

Para se compreender o papel desempenhado pela PAM Filmes no cenário do cinema nacional, estruturamos a pesquisa em três capítulos. No primeiro capítulo faremos uma apresentação e um compêndio da carreira de Mazzaropi, de maneira que possamos conhecer quem foi o criador da produtora, quais foram os motivos que o levaram a criar sua própria empresa e como ocorreu o surgimento da PAM.

No segundo capítulo, revelaremos o modo de produção e comercialização adotado pela empresa para operar no mercado cinematográfico. Abordaremos ainda a trajetória de duas outras companhias, a Vera Cruz e a Maristela, representantes do “surto industrial de cinema” ocorrido em São Paulo, na primeira metade da década de 1950. Ambas as produtoras foram antecessoras da PAM Filmes e, apesar de possuírem vida curta no mercado brasileiro, conseguiram se transformar em influências.

Por fim, no terceiro e último capítulo, dedicar-nos-emos a examinar todo o legado da PAM, procurando evidenciar por que razão a utilização de repetições contínuas da estrutura narrativa, do protagonista, da crítica social e em certas ocasiões, até da temática produziu consecutivos sucessos de público, ao longo das quase três décadas em que a produtora exerceu suas atividades.

## **1 -O SURGIMENTO DA PAM FILMES**

### 1.1 -QUEM FOI AMÁCIO MAZZAROPI?

Ao citarmos a Produções Amácio Mazzaropi imediatamente vem à nossa mente um Mazzaropi caracterizado como o Jeca, com suas roupas remendadas, chapéu de palha e botinas, e fumando seu cachimbo. Todavia, essa imagem do artista, imortalizada no cinema, reflete apenas parte da carreira de Amácio, que, além de ator, foi também empresário e produtor cinematográfico.

Filho único do casal Bernardo Mazzaropi e Clara Ferreira, Amácio Mazzaropi nasceu na cidade de São Paulo, em 1912. O artista passou a maior parte da infância em Taubaté, no interior do estado, onde construiria, nos anos 1960, os estúdios de sua produtora.

Sua carreira artística teve início em 1926, quando a humilde trupe circense La Paz chegou a Taubaté. O faquir da companhia procurava um ajudante, e Mazzaropi decidiu preencher a vaga, partindo com a trupe. O faquir, chamado Ferry, alterou a certidão de nascimento de Amácio em cinco anos, de forma que ele tivesse dezenove anos, e ele passou a contar piadas de todos os tipos nos intervalos das apresentações. Dada a precariedade de recursos da trupe, três anos mais tarde ele retornou a Taubaté.

O ator trabalhou nos anos seguintes em várias companhias teatrais, até que, em 1934, montou, enfim, a Trupe Mazzaropi. A companhia obteve tamanho sucesso que, em menos de um ano, Amácio conseguiu inclusive persuadir seus pais a integrá-la, os quais não apenas se juntam ao filho como investem na empreitada, vendendo o botequim da família.

Apesar das apresentações da Trupe Mazzaropi atingirem bons resultados, tornava-se muito difícil, com as mudanças<sup>2</sup> ocorridas nos cinemas da época encontrar locais para a exibição dos espetáculos. Nas palavras de Glauco Barsalini (2002, p: 28) “fundava-se, então, a era dos pavilhões, a era do teatro chamado Teatro de Emergência, uma saída para a sobrevivência do

---

<sup>2</sup> Essas mudanças referem-se à infra-estrutura da sala de cinema que passou a contar com tela fixa e sistemas de sonorização.

teatro popular”. Desse modo, as apresentações teatrais passam a se realizar nos pavilhões.

Destacamos que as apresentações encenadas pela trupe não eram somente de comédia; havia também espetáculos dramáticos, demonstrando a versatilidade dos trabalhos encenados. Foi principalmente durante esse período, em que lidou diretamente com as plateias, que Mazzaropi compôs seu personagem caipira. Segundo o próprio: “Fui para o interior criar meu próprio tipo: cabocão bastante natural. Um simples caboclo entre os milhares que vivem no interior brasileiro” (SALÉM, 1970, p: 4).

A caracterização do jeca foi, então, moldada para gerar identificação com os espectadores e agradar-lhes. Mazzaropi valorizava tanto o diálogo direto com o público que mesmo depois de garantir sua renda com o cinema não abandonou a realização de apresentações teatrais pelo Brasil. Assim, o personagem se mantinha atualizado sobre a preferência das plateias e garantia seu espaço junto às mesmas.

Em 1944, a Trupe Mazzaropi enfrentava dificuldades financeiras e, devido a tais circunstâncias, foi encerrada. Meses depois, surgiu uma nova oportunidade: Amácio conhece Nino Nello quando o Pavilhão de Teatro Popular apresentou-se em Taubaté. Ambos decidiram unir suas companhias, e estrearam no teatro Oberdã em São Paulo. Durante a temporada, o ator atuou em espetáculos do movimento ítalo-brasileiro, recebendo a alcunha de “Bernard Shaw<sup>3</sup> do Tucuruvi”.

Com o êxito atingido no teatro, Mazzaropi foi convidado pela direção da rádio Tupi, em 1946, a ingressar na emissora, estreando no programa semanal e ao vivo *Rancho alegre*. Como aponta Lia Calabre “o rádio inovou ao mesmo tempo que absorveu artistas e artes já consolidados na produção cultural nacional” (CALABRE, 2004, p:9), estabelecendo-se, dessa forma, junto ao público. Durante esse processo de solidificação do rádio como o maior meio de comunicação do Brasil os artistas atuantes nessa mídia foram beneficiados, inclusive Amácio.

---

<sup>3</sup> Bernard Shaw (1856-1950) foi um famoso dramaturgo irlandês, conhecido por sua ironia mordaz.

Quanto à televisão, Mazzaropi estreou na rede Tupi que, assim como a rádio onde era contratado, pertencia ao Grupo Diários Associados. O programa televisivo *Rancho alegre* iniciou-se em 1951, tendo no elenco fixo Amácio, João Restiffe, os quais, em conjunto, elaboravam também o argumento, Geny Prado e o sanfoneiro Gentil Rodrigues, além de músicos e outros artistas convidados.

A partir de sua atuação em *Rancho Alegre*, Mazzaropi é chamado para ingressar no cinema. Os produtores da companhia Vera Cruz reconheceram que o carisma daquele ator poderia resultar em um sucesso de bilheteria e convidaram-no para trabalhar em seu novo filme. Percebemos, dessa maneira, que o ingresso de Mazzaropi nessa mídia ocorreu quando ele já possuía considerável reconhecimento entre o público nacional.

Contudo, após iniciar sua carreira cinematográfica, Mazzaropi optou por não retornar à televisão, acreditando que esse meio desgastava sua imagem. Apesar disso, em 1959, Amácio aceita o convite da TV Excelsior para apresentar um programa de variedades, assinando um contrato de cinco anos com a emissora. Tal decisão foi tomada porque por meio deste contrato o ator obteve uma renda fixa capaz de estruturar a PAM filmes, que fundara um ano antes, e assim Mazzaropi pôde se dedicar exclusivamente às suas películas, como veremos adiante.

Portanto, a estreia de Amácio no cinema e na televisão ocorreu em 1951, por meio da companhia Cinematográfica Vera Cruz, a maior e mais celebrada da época. Durante três anos, o ator trabalhou nessa companhia, localizada em São Paulo, participando de três filmes que tiveram ótimos resultados de bilheteria.

*Sai da frente*, a primeira película de Mazzaropi, “foi a mais barata produção da Vera Cruz e também a mais legítima como busca de um estilo brasileiro de comédia” (VIANY, 1959, p: 140). Amácio faz um personagem urbano nessa película, que narra um dia na vida do motorista de cargas Isidoro Colepícula. Mesmo tratando-se de um filme simples em comparação aos padrões da própria Vera Cruz, sua produção durou sete meses, tendo sido lançado em 1952.

Com o sucesso do primeiro filme de Mazzaropi, os estúdios Vera Cruz resolvem filmar, no mesmo ano, outra película com o ator; *Nadando em*

*dinheiro*. O filme é uma sequência de *Sai da frente*, em que o personagem principal é também Isidoro Colepícula cuja vida é mudada ao se descobrir herdeiro de um milionário. Apesar de se tratar de uma comédia, há uma denúncia sobre como o dinheiro pode transformar as pessoas, contendo ainda várias críticas à sociedade. O filme foi lançado ainda em 1952.

No ano seguinte Mazzaropi filma *Candinho* e encena pela primeira vez, no cinema, um personagem caipira, homônimo ao filme, numa história que é uma livre adaptação da obra de Voltaire; *Cândido*. A película estreou em 1954, atrasada por problemas na edição, que sinalizava a crise em que se encontrava a companhia cinematográfica Vera Cruz. Apesar dos bons resultados de público, *Candinho*, foi a última película do artista na companhia.

Essa primeira experiência rendeu a Mazzaropi ensinamentos sobre a realização de uma produção de qualidade e sobre os prejuízos que gastos excessivos e a ausência de um eficiente sistema de distribuição podem causar, vindo a ser fatais, à sustentabilidade de uma produtora de cinema. Mazzaropi fez mais dois filmes em São Paulo, em distintas produtoras, após o fim da Vera Cruz, mas com critérios de produção ainda muito semelhantes aos dessa companhia.

Na película *A carrocinha*, o ator é Jacinto, motorista da carrocinha da cidade que se vê obrigado pelo prefeito a exterminar todos os cães de Sapiroanga. Durante a realização do filme, Mazzaropi impôs resistências a ser dirigido, sempre reivindicando maior destaque incomodado com a participação de nomes ilustres no elenco como Dóris Monteiro e Adoniran Barbosa. Por isso, alguns anos mais tarde, quando passou a fazer filmes por sua própria companhia, Amácio optou por dirigi-los e a trabalhar com artistas desconhecidos. A produção de *A carrocinha* ocorreu em 1955, através da associação entre a Produções Jaime Prates e a distribuidora Fama Filmes.

Já em *O gato de Madame*, de 1956, Mazzaropi é Arlindo, um engraxate que encontra o gato de uma socialite e envolve-se em diversas confusões até conseguir devolvê-lo e receber sua recompensa. As paródias, nessa película, são recorrentes e referem-se a diversos elementos, desde filmes americanos até o serviço público. *O Gato de Madame* foi filmado nos estúdios da Vera Cruz e produzido pela Brasil Filmes.

Ainda em 1956, com a crise dos grandes estúdios paulistas, Mazzaropi passou a trabalhar no cinema carioca, através da parceria das empresas Cinelândia-Cinedistri. O artista foi contratado pela produtora Cinedistri, do produtor Osvaldo Massaini, por um cachê bem maior que o da Vera Cruz, devendo atuar em quatro filmes. No entanto, participou de apenas três.

O primeiro filme foi *Fuzileiro do amor*, em que o ator interpreta gêmeos que não se conhecem; um deles é José Ambrósio, sapateiro sem qualquer aptidão para o serviço militar, mas que se junta à Marinha para se tornar fuzileiro naval por imposição do futuro sogro. O segundo é Ambrósio José, um marinheiro que seguiu carreira. Ambos são confundidos ao prestar serviços no mesmo quartel, dando início a inúmeras confusões que, por fim, reúnem os gêmeos.

Já na película *O noivo da Girafa*, Mazzaropi vive Aparício Boamorte, o zelador de um zoológico capaz de conviver melhor com os animais que com seres humanos, por ser constantemente desrespeitado por estes. A história é repleta de reviravoltas, e Aparício, mesmo sendo uma figura urbana, é muito semelhante ao peculiar matuto de Mazzaropi.

Finalmente, em *Chico Fumaça* o personagem-título vivido pelo ator é um humilde caipira cuja vida é transformada ao evitar um terrível acidente de trem, passando a ser um herói e sendo levado à cidade, onde sua vida se torna caótica. Esse foi o último trabalho de Mazzaropi produzido pela Cinelândia, no estado Rio de Janeiro, e distribuído pela Cinedistri, que novamente alcançou bons resultados de bilheteria. Encerra-se, assim, o primeiro momento da carreira cinematográfica do ator, compreendendo o período entre 1951 e 1958, em que Amácio apenas atuou.

A partir daquele ano Mazzaropi decidiu aumentar sua autonomia em relação à própria carreira, criando a Produções Amácio Mazzaropi. Através da produtora, ele deixou de ser apenas ator, exercendo também as funções de: produtor, diretor, roteirista e empresário tornando-se de fato um cineasta.

Seguindo o caminho de outros grandes comediantes, tais como Charles Chaplin, Mazzaropi, ao criar sua produtora, tornou-se independente ao mesmo tempo que adquiriu o controle na realização de seus próprios filmes



(BARSALINI, 2002, p: 51). Portanto, a PAM Filmes tornou-se o eixo e a razão sobre os quais Amácio direcionou sua carreira, até seu falecimento em 1981.

Notamos, desse modo, que o percurso do artista contemplou desde o teatro, ao meio de comunicação de massa nas décadas de 1940 e 1950, o rádio, compreendendo ainda uma mídia embrionária, a televisão, nos anos 1950 e 1960, lançando posteriormente sua carreira cinematográfica. Essa trajetória ampliou o alcance de seu trabalho sua divulgação por todo o Brasil, contribuindo para sua permanência e preferência junto ao público nacional.

## 1.2- ESTREIA PRODUÇÕES AMÁCIO MAZZAROPI

Para entendermos as motivações acerca da criação da PAM Filmes, tomamos com exemplo as afirmações de Jean Claude Bernardet de que “A existência do produto cinematográfico brasileiro se dá em função da vontade própria de um indivíduo, que atendendo a motivações pessoais decide se voltar para o cinema” (2009, p: 45).

Como dissemos anteriormente, Mazzaropi, no final da década de 1950, possuía enorme reconhecimento em todo o país, que aumentava a cada novo trabalho. Assim, a constituição da PAM Filmes ocorreu quando o artista já havia conquistado enorme popularidade por “não apenas interpretar um personagem mais ou menos próximo dele, mas por fazer de si mesmo um personagem” (COMOLLI, 2008 p.283), fator que contribuiu para o estabelecimento da produtora.

Desde sua estreia nos cinemas, Amácio trabalhou, em um período de seis anos, em quatro produtoras; como consequência, o ator adquiriu conhecimento sobre distintos modos de realização de filmes. Ao trabalhar no Rio de Janeiro, Mazzaropi foi apresentado a um novo processo na realização de filmes, diversificando sua experiência como ator, calcada em um cinema popular e de baixo custo, justamente o oposto do modelo de produção realizado em São Paulo.

Percebemos, ainda, que o denominador comum entre os oito filmes em que o ator trabalhou, está em ele ser o protagonista e em se alcançar um comprovado sucesso de bilheteria. Nas palavras do próprio; “Eu via os cinemas cheios de gente e meu bolso vazio. Tinha aprendido um pouco de cinema e resolvi fazer minhas próprias fitas<sup>4</sup>. Afinal minha empresa seria a única que teria o artista principal trabalhando de graça” (RIBEIRO, 1970, p: 104).

Ainda em 1958, Mazzaropi deveria filmar mais um filme pela Cinedistri, porém rescinde o contrato e cria sua produtora. Para que o empreendimento fosse possível, ele investiu todos os bens que possuía: casa, carro e

---

<sup>4</sup> Denominação utilizada no mercado de cinema nacional até meados dos anos 1990 fazendo referência as cópias prontas dos filmes.

economias em dinheiro. A partir do montante arrecadado Amácio alugou os equipamentos e os estúdios da companhia cinematográfica Vera Cruz, para rodar a primeira película sob sua produção.

O primeiro filme da PAM foi *Chofer de praça*, que conta a história de Zacarias, um pai de família com dois filhos que visa custear a faculdade de medicina do filho mais velho, mudando-se do interior para a cidade de São Paulo com a esposa, passando a trabalhar como motorista de táxi. Nessa produção, teve início a parceria de Amácio com Geny Prado, que se repetiu posteriormente em outros dezessete filmes.

No filme, são perceptíveis as características do modelo narrativo adotado pela PAM Filmes, que estariam presentes em toda a sua filmografia. Há a crítica social retratada pela ingratidão do filho mais velho por sua real condição, os números musicais inseridos na história, o contraste “cidade e campo” claramente demonstrado pela simplicidade de Zacarias ao lidar com as pessoas e, como não poderia deixar de ser, o típico final feliz, com a reconciliação entre pai e filho.

Entretanto, após o encerramento das gravações, Mazzaropi não possuía capital suficiente para a feitura das cópias. Diante de tal situação, o ator realizou diversos shows por todo o Brasil, para angariar verbas e finalizar o filme. Através da renda obtida nessas apresentações, as cópias de *Chofer de praça* foram feitas, mas as dívidas não foram completamente quitadas. Então, Amácio tentou um acordo, relativo aos direitos do filme e à sua exclusividade, com Osvaldo Massaini, da Cinedistri, que não acontece por um desacordo entre ambos sobre os valores de pagamento.

Por encontrar-se sem alternativa e tendo as cópias de seu filme prontas, Mazzaropi passou a negociar diretamente com os exibidores e distribuiu *Chofer de praça* por todo o Brasil. Tal situação permitiu ao artista um acompanhamento da maneira como seu filme era recepcionado pelo público de todo o país, durante os meses de exibição.

A película obteve enorme sucesso, pagando não somente seu custo de produção como gerando lucros. Segundo o cineasta: “A reação do público a *Chofer de Praça* foi ótima, espetacular. Neste dia, fiquei sabendo quanto valia

Mazzaropi em termos de cruzeiros. Até o lançamento do filme, eu não sabia” (MATOS, 2010, p: 74).

A Produções Amácio Mazzaropi estreou com essa bem sucedida experiência, já esboçando sua forma de operação no mercado: um filme popular tendo Mazzaropi como protagonista, uma produção simples e um sistema particular de distribuição, que garantiram seu sucesso por quase três décadas.

## 2- ATUAÇÃO DA PRODUÇÕES AMÁCIO MAZZAROPI NO MERCADO

No capítulo anterior, discorreremos sobre a trajetória de Mazzaropi com o intuito de evidenciar quais os elementos o levaram a criar sua empresa cinematográfica. Nesse momento, trataremos sobre a atuação da Produções Amácio Mazzaropi, através da análise de sua dinâmica de operação mercadológica.

A PAM Filmes produziu vinte e quatro películas, realizadas entre 1958 e 1980. Desde o lançamento de seu primeiro filme, tendo Amácio como seu principal gestor, a produtora obteve bons resultados, alcançando grande público e, atingindo conseqüentemente, um ótimo faturamento nas bilheterias.

De forma a garantir sua sobrevivência no mercado cinematográfico, a PAM solidificou-se gradativamente, tornando-se a produtora oficial dos filmes de Mazzaropi, tendo no Jeca seu principal destaque. Logo, visando não desgastar a imagem desse personagem, a empresa optou pela produção seriada de um longa-metragem por ano, para manter o interesse das plateias pelo caipira (BARSALINI, 2002).

Através desse modelo de atuação, a produtora não apenas assegurou ativa participação no cinema nacional como conservou as seguintes características de: manutenção de estúdios próprios, realização de filmes de baixo orçamento, produções voltadas ao mercado interno e essencialmente populares, sistema particular de distribuição e garantia de exibição de seus produtos.

Contudo, o processo que envolve a realização de um filme é bastante caro, sendo necessária uma organização semelhante a uma indústria, como afirma Hadija Chalupe:

Ele depende de equipamentos específicos (câmeras, guias, *travellings*, equipamentos de som, ilha de edição), de *know-how* altamente qualificado (diretores, técnicos e atores), de matéria-prima (filme fotossensível ou fitas digitais) e depende, principalmente, de uma infra-estrutura empresarial complexa, que atenda a todas as fases de elaboração, constituição e comercialização do filme, sendo uma estrutura que demanda grandes investimentos de capital. (CHALUPE, 2009. p:5)

Por isso os prazos estipulados para pré-produção, filmagem e edição, na PAM Filmes, eram rigorosamente obedecidos, o que cooperou significativamente para que o orçamento da produtora fosse mantido sob controle. Os investimentos iniciais para a realização do filme eram recuperados nas bilheterias, com obtenção de lucros e utilizados no projeto seguinte.

Durante os primeiros filmes, fazia-se necessário o aluguel de estúdios e de equipamentos, no caso aqueles da companhia Vera Cruz, além da seleção de locações, já que a maior parte das produções era ambientada no campo. As películas que tiveram esse projeto de filmagem foram: *Chofer de Praça*, *Jeca Tatu*, *As aventuras de Pedro Malasartes*, *Zé do Periquito*, *Tristeza do Jeca*, *Vendedor de Lingüiça* e *Casinha pequenina*.

Porém, em 1961, a fazenda Santa, localizada em Taubaté, foi adquirida por Mazzaropi, tornando possível a criação de uma infraestrutura autônoma para a realização dos filmes da PAM. Houve também um aproveitamento do espaço, “investindo-se paralelamente no mesmo através da criação de gado e de galinhas, e na produção de leite” (MATOS, 2010, p: 77), utilizando-o na produção de alimentos para a equipe, durante as gravações, e como fonte de renda alternativa nos meses em que não se produziam filmes.

Foram realizadas diversas obras na fazenda, concernentes a sua estruturação, como: construção de restaurantes, reforma da casa principal, criação de alojamentos masculinos e femininos para as equipes de filmagens, instalação de linhas telefônicas, abastecimento de eletricidade em toda a propriedade e adaptação de dois galpões, onde passaram a funcionar os estúdios. As mudanças na fazenda Santa tornaram possível a realização dos filmes da PAM em seu espaço, sendo *O Lamparina*, de 1963, a primeira produção inteiramente filmada ali.

Além das reformas, foi necessária a aquisição de equipamentos para as filmagens e, como a PAM Filmes buscava sua autossuficiência, optou-se por equipar os estúdios com um bom maquinário. Primeiramente, esses foram comprados durante o leilão dos bens da companhia Vera Cruz; posteriormente, a partir do crescimento obtido pela produtora, foram realizados altos investimentos em equipamentos de vanguarda, inclusive importados. A decisão possibilitou que a empresa, já no começo dos anos 1970, possuísse

maquinário suficiente para permitir filmar três produções simultaneamente (idem, 2010).

Sendo assim a PAM funcionava sob um esquema de orçamento limitado, dinâmico e rápido. Os roteiros das películas eram criados pelo próprio Mazzaropi; após a finalização dessa etapa recorria-se aos compositores para a inserção dos números musicais. O elenco de atores contratados era, em sua maioria, composto por artistas em começo de carreira, o que também acontecia nas equipes técnicas, exceto pelos coordenadores de funções como: iluminação e fotografia, entre outras. A direção também foi assumida por Amácio, que se alternava entre exercê-la integralmente ou dividi-la com outro profissional. Já a direção musical era responsabilidade, em todos os filmes, do renomado maestro Hector Lagna Fietta.

Todo o processo compreendia cerca de três meses, pois a elaboração do roteiro exigia aproximadamente um mês e as filmagens consumiam dois meses de uma intensa rotina de gravações, sendo iniciadas pela manhã e estendendo-se até o anoitecer. Com a finalidade de facilitar ainda mais o andamento das filmagens, o elenco e equipe de produção eram instalados, durante esse período, nos estúdios da produtora.

Todavia, com o desenvolvimento dos recursos cinematográficos e o aumento do acervo da produtora, o espaço da fazenda Santa tornou-se insuficiente para compreender as filmagens e abrigar os equipamentos. Desse modo, no início dos anos 1970 o gestor da PAM Filmes adquiriu uma nova fazenda também localizada em Taubaté, porém mais próxima do centro da cidade, para a construção de novos estúdios.

Apesar das limitações, a maior parte dos filmes foi produzida na Fazenda Santa, como: *Meu Japão brasileiro*, *O puritano da rua Augusta*, *O corintiano*, *O Jeca e a freira*, *No paraíso das solteironas*, *Uma pistola para Djeca*, *Betão Ronca Ferro*, *O grande xerife*, *Um caipira em Bariloche*, *Portugal, minha saudade*, *O Jeca macumbeiro* e, *Jeca contra o capeta*, além do já citado *O lamparina*.

A nova propriedade também foi estruturada para abarcar todo o processo de realização dos filmes. Com a ampliação do espaço, a produção

das películas da PAM foi reduzida para um mês, reduzindo os custos pela metade.

De forma semelhante ao que realizou na Fazenda Santa, o local era utilizado como um hotel quando não havia filmagens sob o nome de PAM Filmes Park Hotel, e tendo sido considerado na década de 1970, o maior estúdio cinematográfico da América Latina. Nesse local, encontra-se atualmente o Hotel Fazenda Mazzaropi, que mantém o Museu Mazzaropi, dedicado ao trabalho de Amácio. Lá, foram realizados os seguintes filmes: *Jecão... Um fofoqueiro no céu*, *Jeca e seu filho preto*, *A banda das velhas virgens* e o derradeiro *O Jeca e égua milagrosa*.

O que chama a atenção, ao observamos o processo de produção da PAM, é o modo como Mazzaropi participava de todas as etapas. O envolvimento do gestor era tamanho que muitas vezes ele interferia diretamente no trabalho das equipes, resultando em uma relativa liberdade em relação às funções desses profissionais. Nas palavras do montador Mauro Alice:

(...) Ocorria uma coisa que o Mazzaropi sempre estava procurando e que nós decidimos chamar de "o tempo da risada". Então ele me mandava recadinhos na filmagem (...) "diga para o Mauro que isso aí o pessoal vai dar muita risada" (...) ele prezava que a intenção dele chegasse na sua totalidade ainda que eu dissesse: "Se eu cortar mais a causa e o efeito ficam mais cinematográficos". (BARSALINI, 2002, p:66).

As constantes alterações comprometeram por diversas vezes a narrativa dos filmes produzidos pela PAM. Desse modo, mesmo se tratando de uma empresa bem-aparada técnica e profissionalmente, suas produções apresentavam diversas falhas referentes à marcação de cena, erros de edição e de continuidade e diversas sequências cômicas que, todavia, enfraqueciam história.

É importante ressaltarmos que a Produções Amácio Mazzaropi foi criada por um ator que buscava maior liberdade na própria carreira, portanto os filmes não buscavam revelar uma nova estética ou revolucionar a linguagem cinematográfica, mas fazer comédias sobre temas cotidianos ao público, dialogando com esse diretamente, através do Jeca.



Por isso, apesar de contar com um considerável aparato a PAM “optou por utilizar a linguagem cinematográfica de uma forma primitiva em seus filmes, em que o Jeca acabava se repetindo, com os mesmos recursos de composição, visão de mundo e de um cinema ingênuo e prosaico”. (CATANI, 1987, p: 282). Através desse modelo, a produtora assegurou sua permanência junto ao público.

Entretanto, para asseverar que seus filmes fossem exibidos a esse público, a PAM Filmes realizou a distribuição das próprias produções. A decisão sobre atuar também nessa área se deu pela forte presença estrangeira no mercado cinematográfico, como afirma o pesquisador Paulo Emílio:

O mercado cinematográfico brasileiro tem dono. (...) O dono é o fabricante de fita estrangeira. (...) Nasceu floresceu e consolidou-se num mercado exclusivo para o filme vindo de fora, não por deliberação de vontades, mas por decorrência de uma situação de fato. (GOMES, 1982, p: 309)

Além do domínio das empresas estrangeiras no Brasil, os exibidores de filmes tinham como prática fraudar a quantidade de ingressos vendidos, para aumentarem seus lucros. Segundo Anita Simis, “Mesmo após a introdução das máquinas registradoras nos anos 1970, foram apreendidos cerca de quarenta mil ingressos que, ao invés de serem rasgados como determinava a legislação, voltavam à bilheteria e alguns eram até plastificados” (SIMIS, 2008, p: 242).

Graças a essa desfavorável conjuntura qualquer insucesso concernente a distribuição poderia ser fatal à sobrevivência de uma empresa cinematográfica. No que diz respeito à distribuição, é a partir dessa atividade que se “articulam os meios necessários para a divulgação e comercialização do filme”, por isso, uma das principais funções do distribuidor é a preparação da campanha publicitária do filme “visando seu consumo pelo maior número de pessoas possível” (CHALUPE, 2009, p:60).

Na PAM Filmes, planejava-se cuidadosamente o lançamento de cada nova película e, ao mesmo tempo, cuidava-se da fiscalização das bilheterias por todo o país. Para gerir tais atividades, a produtora contou com uma estrutura administrativa com sede em São Paulo, possuindo filiais localizadas em algumas capitais, como Rio de Janeiro e Curitiba.

Encerrada a produção dos filmes, faziam-se trinta e cinco cópias, limitando, durante quatro semanas, a exibição à cidade de São Paulo. As estreias aconteciam no Cine Art Palácio, localizado no centro daquela cidade, geralmente em 25 de janeiro, por se tratar de um feriado municipal.

As premièeres eram excelentes meios de divulgação, e o próprio Mazzaropi participou de todas elas, sempre fazendo uma apresentação para a plateia antes da exibição da nova película. Devido à presença do ator, os lançamentos dos filmes se transformavam em grandes eventos, uma vez que os fãs do Jeca lotavam as imediações do local, inclusive com a organização de caravanas, atraindo a presença de jornalistas, artistas e políticos em busca de votos.

Posteriormente, as produções eram lançadas em outras capitais do país, para que, em um terceiro momento as exibições fossem iniciadas no interior paulista. Dessa maneira, foi possível um eficaz monitoramento das salas exibidoras e das cópias das películas, verificando-se ainda a recepção dos filmes pelo público.

Após os lançamentos a PAM, ocupava-se da fiscalização nos locais onde aconteciam as exibições, procurando evitar fraudes. Para isso a produtora contou com um sistema particular de distribuição contratou aposentados, que trabalhavam como fiscais de bilheteria checando a ação dos bilheteiros para que o registro de público fosse realizado corretamente. Havia ainda os fiscais desses fiscais, que atuavam recolhendo dados de todos os cinemas e verificando a correspondência entre bilhetes vendidos e público pagante. As equipes incumbidas da fiscalização contavam com a seguinte rotina:

Segunda-feira era o dia de folga da equipe. Às quartas e quintas gerenciavam-se as entradas e saídas de fitas. E, finalmente o clímax de trabalho na semana ocorria às sextas e aos sábados, tamanha a correria para remanejar as cópias dos filmes e abastecer as salas de cinema de diversas cidades. (MATOS, 2010, p: 76)

Para manter essa estrutura de funcionamento, a PAM contava com funcionários efetivos em seus escritórios, equipes compostas por gerentes de produção e de distribuição e diversos fiscais; contudo, a gestão da empresa era encargo de Mazzaropi, que controlava todo o processo.

Conforme a filmografia da produtora crescia, também aumentava o trabalho das equipes de fiscalização, principalmente quando a PAM Filmes estabelece que, para cada novo lançamento, os cinemas deveriam repetir sua última produção. Assim, a quantidade de cópias e de salas de exibição a serem vigiadas aumentou consideravelmente.

O sistema de rigorosa vigilância da produtora sobre as cópias foi eficiente, porque fiscalizou desde as bilheterias ao monitoramento dos locais de exibição, além do controle sobre os borderôs de cada sessão do filme. Montou-se assim uma estrutura que permitiu a descoberta de fraudes, interrompendo quase que imediatamente a ocorrência das mesmas. Então, a produtora pôde produzir filmes com os recursos provindos exclusivamente de seus rendimentos nas bilheterias.

Entretanto, todo o processo de atuação da PAM Filmes foi centralizado em Amácio, pois os filmes produzidos pela companhia eram unicamente aqueles protagonizados pelo ator: ele, na função de gestor, não delegava poderes a seus subordinados e nunca preparou um substituto para dar continuidade aos trabalhos da empresa. Assim, com a morte de Mazzaropi, em 13 de junho de 1981, a produtora encerrou suas atividades. Como o gestor não possuía herdeiros diretos, o acervo da PAM e o restante de seus bens foram a leilão três anos depois de seu falecimento.

Apesar de desaparecer junto com seu criador, a Produções Amácio Mazzaropi permitiu o ressurgimento e o desenvolvimento de um modelo de operação baseado no cinema industrial ainda que, adequado ao mercado cinematográfico brasileiro. Desse modo, a empresa atuou em todos os setores da criação audiovisual, desde a produção e o desenvolvimento até sua divulgação e comercialização, ao longo de vinte e oito anos, diferentemente do que ocorreu nas produtoras que analisaremos a seguir: Vera Cruz e Maristela.

## 2.1- A COMPANHIA CINEMATOGRAFICA VERA CRUZ

A companhia cinematográfica Vera Cruz foi fundada em 4 de novembro de 1949, em São Paulo, por um grupo de industriais ligados à elite paulistana e liderados por Francisco Matarazzo Sobrinho e Franco Zampari que visavam construir um “cinema brasileiro de qualidade”. Apesar de sua curta duração, a Vera Cruz influenciou a criação de outras companhias, dinamizou o cenário cinematográfico e gerou ainda, com seu fim, reflexões sobre o funcionamento do mercado brasileiro.

Anteriormente à fundação da cinematográfica Vera Cruz, a produção de películas em São Paulo era bastante inexpressiva, e o pouco que realizado sequer conseguia espaço para exibição. O que realmente havia em filmes brasileiros em cartaz, na época, eram as chanchadas cariocas da Atlântida, desprezadas pelas elites e rechaçadas pela crítica.

De acordo com João Luiz Vieira: “O desejo de um cinema que desejasse construir uma indústria audiovisual no país é um dos traços fortes da disseminação do modelo de produção narrativo operado com sucesso por Hollywood” (VIEIRA, 2009, p: 34). A companhia Vera Cruz representou exatamente essa tentativa de produzir filmes nacionais segundo os padrões do studio system hollywoodiano, modelo que no final da década de 1940 já estava em declínio nos Estados Unidos.

Dessa forma, os estúdios da companhia foram abrigados em um enorme terreno localizado em São Bernardo do Campo, interior do estado de São Paulo, que era de propriedade de um dos principais acionistas: Francisco Matarazzo. No cargo de produtor executivo estava Alberto Cavalcanti, famoso diretor brasileiro que possuía uma carreira de sucesso na Europa. Além de Cavalcanti, diversos profissionais estrangeiros foram contratados, adquiriu-se equipamentos importados e montou-se um “star-system” próprio. Todos esses profissionais recebiam pomposos salários, fixados através de contrato, estivessem trabalhando ou não.

Apesar da preocupação em realizar produções de altíssima qualidade, havia na Vera Cruz um desconhecimento geral sobre o mercado cinematográfico nacional. Não era sabido que uma estrutura como a adotada

pela companhia era extremamente dispendiosa, sobre a importância de um sistema de distribuição para a recuperação dos lucros, e sobre o baixíssimo preço dos ingressos de cinema brasileiros, entre outros fatores. Logo, antes mesmo de realizar os primeiros lançamentos, a Vera Cruz entregou a distribuição de seus filmes à empresa americana Universal.

Em 1950 foram lançados seus dois primeiros filmes o longa-metragem *Caiçara*, dirigido por Adolfo Celi, e o documentário de Lima Barreto, *Painel*. Nunca antes uma empresa cinematográfica obteve tanto espaço nas mídias quanto a Vera Cruz, pois cada etapa da produção foi amplamente divulgada através principalmente de boletins e comunicados. Nas palavras de Maria Rita Galvão:

(...) a atenção dispensada ao filme pela imprensa não tem precedentes no cinema brasileiro. A importância de *Caiçara* é unanimemente reconhecida, e em torno do filme se instaura de imediato em São Paulo uma discussão sobre o cinema brasileiro (...) Discute-se o filme sobre todos os seus aspectos: produção, temática, narrativa, composição física, vinculação com a realidade brasileira. A Crítica paulista, à sua maneira, retomará um por um todos os temas clássicos da discussão sobre o cinema brasileiro, e o ponto de partida é *Caiçara*. (GALVÃO, 1981, p: 226).

Ambas as obras alcançaram considerável sucesso de público, fazendo com que as próximas produções da companhia fossem adiantadas. Em 1951, foram lançados: *Terra é sempre Terra*, de Tom Payne, *Santuário*, curta-metragem de Lima Barreto, e *Ângela*, dirigido por Tom Payne e Abílio Pereira de Almeida.

Contudo, nesse mesmo ano Alberto Cavalcanti demitiu-se da cinematográfica Vera Cruz, após contínuos desentendimentos com a direção da empresa, sinalizando uma primeira crise. Por isso, ainda em 1951, aparecem nos jornais “os problemas de produção e comercialização que a Vera Cruz enfrenta: empréstimos bancários, altos custos, desorganização da produção, mas que são ignorados nos boletins da empresa”. (CATANI, 1987 p: 215).

No ano seguinte ocorre o lançamento de *Tico-Tico no fubá*, dirigido por Adolfo Celi e de *Sai da frente*, com direção da dupla Tom Payne e Abílio Pereira de Almeida. O êxito junto às plateias, obtido por essas produções

encobre, naquele momento, a situação de crise que se instalava na companhia. Estrearam em 1952 *Apassionata*, dirigido por Fernando de Barros, *Nadando em dinheiro* de Abílio Pereira de Almeida e *Veneno* com direção de Gianni Pons. No mesmo ano de 1952 anuncia-se o rompimento com a Universal, passando-se à Columbia a distribuição nacional e internacional das produções da Vera Cruz.

Em 1953, a companhia lança as produções mais emblemáticas da filmografia da produtora: *O Cangaceiro*, de Lima Barreto e *Sinhá Moça*, dirigido por Tom Payne e Osvaldo Sampaio. Os filmes adquiriram reconhecimento nacional tanto pela crítica quanto pelo público, além de serem consagrados nos festivais de Cannes e de Veneza, conquistando prêmios. Estrearam no mesmo ano: *Uma pulga na balança*, de Luciano Salce, *Esquina da ilusão*, dirigido por Ruggero Jacobbi, *Família Lero-Lero*, de Alberto Pieralisi e *Luz apagada*, com direção de Carlos Thiré.

Entretanto nem o sucesso alcançado por *Sinhá Moça* e por *O cangaceiro* foram suficientes, para impedir que a crise se deflagrasse na companhia. Segundo Abílio Pereira de Almeida:

Então era isso os filmes eram baratos em termos internacionais, mas caríssimos para o nosso mercado e não se pagavam (...). Com tudo isso, tantos gastos, a produção, as construções, a bilheteria insuficiente, a Vera Cruz não agüentou. O Franco foi se enterrando, se enterrando, botou todo o seu dinheiro na Vera Cruz. (GALVÃO, 1981, p: 171).

No final de agosto de 1953, o Banco do Estado de São Paulo interrompeu o fornecimento de crédito à Vera Cruz. Como conseqüência, as atividades da companhia foram temporariamente suspensas e mais da metade dos funcionários foram demitidos, em uma ação que buscava minimizar o impacto da crise. Franco Zampari tentou obter um novo empréstimo, dessa vez com o Banco do Brasil, porém não foi bem sucedido.

Em 1954, a Vera Cruz reiniciou suas atividades sem financiamentos, e sem o apoio governamental, com a crise já totalmente alastrada. Nessas condições a atuação da companhia restringiu-se, a estrear os filmes em processo de finalização. As últimas produções foram: *Na senda do crime*, de Flamínio Bollini Cerri, *Candinho*, dirigido por Abílio Pereira de Almeida, *É*

*proibido beijar*, de Ugo Lombardi e *São Paulo em festa*, documentário de Lima Barreto.

No mesmo ano, a antiga diretoria, inclusive Franco Zampari, renunciou em definitivo à companhia, fazendo com que o Banco do Estado de São Paulo assumisse a administração da Vera Cruz, uma vez que era o maior credor da empresa.

A nova gerência tentou solucionar parte dos problemas enfrentados pela companhia, nomeando Abílio Pereira de Almeida como diretor-superintendente em 1955. Esse, então, modificou o nome da companhia para Brasil Filmes, elaborou um sistema de distribuição e conseguiu realizar algumas películas: mas, no ano seguinte, Abílio deixou o cargo. Desse modo, encerraram-se as produções próprias, e o espaço em que funcionavam os estúdios passou a ser alugado a terceiros.

Portanto, a montagem de uma estrutura baseada no sonho hollywoodiano, incompatível com os retornos financeiros, a ausência de um sistema de distribuição favorável à empresa e a total falta de conhecimento sobre o modo de operação do mercado brasileiro, aliados à ausência de uma política governamental protecionista para o cinema nacional, resultaram no fim da “aventura industrial cinematográfica” que foi a Vera Cruz.

## 2.2- A CINEMATOGRAFICA MARISTELA

A efervescência causada pela criação da companhia Vera Cruz, em 1949, proporcionou o surgimento de outras empreitadas cinematográficas. Nesse cenário, em 11 de agosto de 1950 foi fundada a Cinematográfica Maristela, em São Paulo, pela família Audrá, proprietária de diversos empreendimentos industriais por todo o país. Além dos Audrá, os principais financiadores da companhia, também participaram de sua criação: Ruggero Jacobbi, Carlos Alberto Porto e Mario Civelli.

Diferentemente da companhia Vera Cruz que desde seu início possuía uma proposta baseada em uma megaestrutura, a Cinematográfica Maristela fundou-se embasada no modelo de produção do neorrealismo italiano, de filmes simples e de baixo custo. Porém, uma mudança nos planos, ocorrida graças à influência de Mario Civelli, fez com que os projetos de operação da empresa fossem radicalmente alterados.

Alguns meses após a criação da companhia, um grande terreno localizado no bairro de Jaçanã, cidade de São Paulo, foi adquirido para ali serem montados os estúdios da empresa. Desse modo, a Maristela assumiu a constituição de uma grande companhia, contando com técnicos estrangeiros, equipamentos importados, star-system próprio e roteiristas exclusivos, além do já citado estúdio particular. De acordo com Maria Rita Galvão:

Claramente delineado, vemos o progressivo afastamento da companhia de seus planos iniciais, totalmente desfigurados ao serem postos em prática. Da produção neo-realista barata e externa se chega rapidamente ao grande estúdio, do milhão e meio passa-se aos dez milhões, e o processo não para por aí. Pouco a pouco a Maristela envereda na trilha aberta pela Vera Cruz, com diferenças que são muito mais de grau do que de qualidade. (CATANI, 1987, p:241)

Percebemos, assim, que a Maristela, ao adotar o modelo studio-system de produção, tentou equiparar-se, dentro de suas possibilidades à gigante Vera Cruz. A estreia do primeiro filme, *Presença de Anita*, ocorreu em maio de 1951, mas o filme não teve bom desempenho nas bilheteiras. Em seguida, lançaram-se *Suzana e o Presidente*, *Meu destino é pecar*, *O comprador de fazendas* e no



ano seguinte a coprodução *A carne*, em que a companhia participou alugando os estúdios, os equipamentos e parte da equipe técnica.

A distribuição das películas ficou sob o encargo da União Cinematográfica Brasileira, empresa pertencente a Severiano Ribeiro, mas ainda que as produções não dessem prejuízo, a Maristela não obteve o retorno financeiro esperado. Por isso a diretoria realizou uma demissão coletiva, provocando inclusive a saída de Mario Civelli. Encerrou-se assim no final de 1951 a primeira fase da companhia.

Em princípios de 1952 iniciou-se a segunda fase produtiva da Maristela, que foi até o final do mesmo ano. Nessa época, Alberto Cavalcanti foi contratado pela companhia, realizando *Simão, o caolho*, filme bem recebido pela crítica, mas de pouca aceitação pelo público e que apenas cobriu seus custos de investimento. Também foram coproduzidos pela empresa *Areão* e *O saci*. A Maristela seguiu atravessando revezes financeiros e resolveu vender seus estúdios a uma nova produtora, a Kino Filmes.

Por isso, entre o final de 1952 e o primeiro semestre de 1954 a Kino Filmes atuou no lugar da Maristela. A companhia teve Alberto Cavalcanti como produtor-geral e diretor, todavia não foi bem-sucedida no mercado cinematográfico brasileiro, produzindo somente duas películas que fracassaram comercialmente: *O canto do mar* e *Mulher de verdade*. Segundo Mario Audrá Junior:

Visitei várias vezes o escritório da Kino Filmes, procurando conhecer seus reais objetivos. Logo transpareceu que a intenção de seus componentes não era produzir filmes, mas sim vender ações usando como alavanca a reputação de Cavalcanti. (...) Apesar de terem comprado um estúdio de cinema queriam agir com mais liberdade e mandaram o Cavalcanti para o Recife, para rodar um filme. (...) Em pouco tempo a companhia entrou em colapso. (AUDRÁ JUNIOR, 1997, p: 80)

Dessa forma a Kino Filmes não conseguiu manter sua estrutura, ou efetuar o pagamento das prestações referentes à compra dos estúdios, restituindo a família Audrá por intermédio de um acordo envolvendo a devolução do imóvel e, todos os seus ativos. Nessas condições a Maristela retorna a seus antigos proprietários e reinicia suas atividades.

O retorno da Cinematográfica Maristela, em 1954, constituiu a terceira e derradeira fase da empresa. Os filmes do período foram realizados em esquema de coprodução em que a companhia contribuiu com seu espaço, equipamentos e equipe técnica, incumbindo a empresa Columbia Pictures da distribuição das películas.

Em 1955 foram lançados: *Magia verde*, em coprodução internacional entre Brasil e Itália, *Carnaval em Lá maior*, produzido em conjunto com a TV Record, *Rosa dos Ventos*, produção da Maristela financiada por Jorge Amado, e *Mãos Sangrentas* obra co-produzida entre Brasil, México e Argentina. A companhia também participou em outras três películas: *Leonora dos Sete Mares*, *Os três garimpeiros* e *Três destinos*.

No ano seguinte estrearam: *Quem matou Anabela?* em coprodução com a Columbia, *Getúlio, glória e drama de um povo*, produzido em associação com a Companhia Cinematográfica de Filmes Brasileiros, e *A pensão de D. Stela*, coproduzido com a Cinebrás.

Já em 1957 foram lançados: *Casei-me com um Xavante* e *Vou te contá* realizados em co-produção com a Columbia, *Arara Vermelha*, cuja produção foi financiada pela Maristela, e houve uma pequena participação nos filmes *Rio*, *Zona Norte* e *O Grande Momento*.

Por fim, a Cinematográfica Maristela encerrou suas atividades, em 1958, sem grandes prejuízos, devido ao alto custo necessário para que uma empresa de sua condição se mantivesse no mercado brasileiro sem majoração do preço dos ingressos e sem legislação protecionista, como ocorreu poucos anos antes com suas antecessoras.

Ainda assim, apesar do insucesso tanto da Vera Cruz quanto da Maristela, notamos que as companhias exerceram influência sobre o modelo de trabalho da Produções Amácio Mazzaropi, que conseguiu inclusive aprimorá-lo às reais e possíveis condições do mercado nacional, garantindo sua presença no mesmo por vinte e oito anos.

### 3- O LEGADO DA PAM FILMES

Neste capítulo trabalharemos os filmes produzidos pela Produções Amácio Mazzaropi através da análise da trama, da temática e do momento histórico-social em que foram realizados. Portanto, buscamos compreender as particularidades em torno da produção da empresa, que atravessou quase três décadas de ininterrupto sucesso popular.

Toda a filmografia<sup>5</sup> da PAM Filmes obedeceu a um mesmo esquema clássico narrativo, em que a temática principal variava segundo um assunto em voga na época. Cada película tinha início com alguma situação que envolvia o Jeca de Mazzaropi em uma séria confusão com os antagonistas, geralmente grandes latifundiários ou políticos corruptos que se aproveitavam da população mais humilde. Notamos, desse modo, uma resistente crítica social ao longo da história, que continha ainda lutas, perseguições e números musicais que se misturavam no desenvolvimento de cada drama cômico, sempre respeitando certos limites, para que obtivessem censura livre, e encerrando-se invariavelmente em um típico final feliz.

Segundo Jean Claude Bernardet, os filmes produzidos pela PAM abordaram problemas concretos, como opressão do trabalhador, miséria, racismo, família e religião, que faziam parte da vivência e das dificuldades enfrentadas pelo público gerando identificação imediata nas multidões, mas esvaziavam a atitude crítica ao solucionar a trama com um final feliz (BERNARDET, 1978). Essa opção pela redundância resultou na adoção de uma postura negativa, por parte da crítica especializada, a toda sua obra.

As plateias, no entanto, consagraram uma a uma essas produções e “a razão causadora desse sucesso foi vital; porque no cinema esse público viu a possibilidade de experimentar, adotar novos hábitos e ver reiterados seus costumes” (MARTIN BARBERO, 2003, p: 244), principalmente através do Jeca mazzaropiano. De acordo com Maurício Bragança:

Se parecia exagerado identificar na caricata personagem ligada pelo ator as raízes de um Brasil autêntico e tradicional, também consideramos ingênua a postura com que a crítica sempre recebeu

---

<sup>5</sup> A ficha técnica com a filmografia completa da PAM Filmes encontra-se em anexo.

seus filmes. A possibilidade de percebermos que a chave de análise se construía uma idéia de país nos anos 1950 encontra em Mazzaropi e no seu caipira um rico material, que ao mesmo tempo em que afirmava a consolidação deste sentido de modernização e industrialização nas cidades que começavam a explodir deixa vir á tona todas as contradições desse projeto (e essa reflexão não deixa de apresentar-se então como uma certa resistência). Mazzaropi encarna estas contradições e as imensas platéias percebiam isso através de seus códigos de identificação. (BRAGANÇA, 2003, p:127)

Dessa forma, acreditamos ser fundamental, nesse estudo sobre a PAM, analisar e contextualizar cada filme produzido por essa companhia. Como afirmamos anteriormente, a produtora iniciou suas atividades em 1958<sup>6</sup>, com *Chofer de praça*. O filme aborda o êxodo rural através da mudança do protagonista Zacarias e de sua esposa, saídos do interior do estado para a cidade de São Paulo, em busca de maiores recursos para financiar os estudos do filho mais velho.

Contudo, o protagonista não se adapta aos costumes urbanos, o que resulta em sequências hilárias de Zacarias tentando dirigir um táxi, cometendo várias gafes em um jantar da alta sociedade e brigando com os vizinhos algumas dessas situações servem, inclusive, como pretexto para inserção de números musicais. O filho do protagonista, por sua vez, inconformado com suas humildes condições, esconde as verdadeiras origens, chegando a não convidar os pais para a própria formatura. Apesar da decepção, os pais decidem perdoar o rapaz e retornar ao campo, encerrando-se a película com a reconciliação da família.

Em 1959 foi produzido o filme mais conhecido da PAM: *Jeca Tatu*, baseado na obra de Monteiro Lobato, especificamente no conto *Jeca Tatuzinho*, muito conhecido por sua ampla distribuição no Brasil nas décadas de 1930 e 1940, pelo Instituto de Medicamentos Fontoura. Gostaríamos de ressaltar que a caracterização de Mazzaropi, com blusa remendada, calças acima das canelas e, pés no chão ou botinas, sempre com um cachimbo na boca e um andar desengonçado, foi concebida nesse filme e mantida praticamente inalterada até o último, imortalizando sua imagem como o autêntico caipira do cinema nacional.

---

<sup>6</sup> Cada ano a que o texto se refere diz respeito ao ano em que o filme foi produzido.

A história de *Jeca Tatu* é centrada em Jeca um pacato sujeito que pouco trabalha por estar sempre cansado, adia confrontos e raramente sai de seu pequeno rancho, onde vive com a esposa, interpretada por Geny Prado e os três filhos. O sossego desse homem é ameaçado quando o proprietário da fazenda vizinha decide infernizar sua vida por querer suas terras e pela insistência do bandido da cidade em se casar com sua filha mais velha. Logo uma série de crueldades, praticadas ora pelo fazendeiro ora pelo bandido é cometida contra o protagonista, levando-o a ser preso injustamente e a perder sua propriedade, como aponta Glauco Barsalini:

Perdendo sua casa, que foi incendiada, e sem ter para onde ir Jeca Tatu cogita tornar-se um operário na construção de Brasília (cidade que na época da produção do filme estava sendo construída), mas vê suas terras recuperadas graças à promessa de votos que a comunidade de parceiros faz a um candidato a deputado estadual. (BARSALINI, 2002, p: 112).

Dessa forma, percebemos as referências e as críticas sutis ao momento histórico nos filmes da PAM. No caso de *Jeca Tatu* foi feita uma clara alusão à construção da nova capital nacional, empreendida pelo presidente Juscelino Kubitschek e mobilizando um grande contingente populacional em busca de melhores condições de vida, assim como o próprio Jeca. Nos filmes seguintes, tais inserções também acontecem por meio de citações diretas ou mais veladas, de acordo com a situação.

No ano seguinte foram realizadas duas produções, sendo a primeira *As aventuras de Pedro Malasartes*, baseada no personagem de Câmara Cascudo. No filme, o protagonista homônimo ao título é um sujeito de boa índole, todavia sempre envolvido em várias confusões por aplicar golpes em todos. As performances musicais ficaram por conta de Mazzaropi, Lanna Bittencourt e do Conjunto Farroupilha.

A segunda produção de 1960 foi *Zé do Periquito*, em que o protagonista Zenó, um jardineiro simples, sofre a influência de um falso amigo, decidindo largar sua profissão, mudar de cidade e enriquecer através de um realejo deixado por seu avô, para assim se tornar digno de sua amada e poder, enfim, casar-se com ela. Chama a atenção, nesse filme, o fato de Geny Prado não ser a esposa, mas uma parceira de negócios do protagonista, com que sela um

pacto: ela o ajudaria a enriquecer com o realejo desde que pudesse escrever os bilhetes da sorte e contar neles todas as verdades da população do vilarejo. Ao final após o caos provocado pelos bilhetes e o entendimento entre Zenó e sua amada, ocorre o esperado final feliz.

Em 1961 foi realizada *Tristeza do Jeca*, a primeira película em cores produzida pela PAM Filmes. O protagonista é Jeca, um roceiro que sofre constantes perseguições por não tomar partido entre os coronéis da região nas eleições locais. Os candidatos passam, então, a adular o protagonista de diversas maneiras, buscando conseguir seu apoio. Em uma interessante sequência os articuladores de campanha do coronel Policarpo, rival do patrão do Jeca, conseguem enganá-lo fazendo com que participe de um comício. Através de um interessante jogo de palavras, as falas de Jeca são desvirtuadas, fazendo com que o povo realmente acredite em seu apoio ao tal coronel, revelando um artifício utilizado recorrentemente pela produtora na feitura de críticas: as piadas de duplo sentido.

*O vendedor de lingüiça* foi produzido ainda ano de 1961, mas, nessa película, a PAM retornou às filmagens em preto e branco. O protagonista do filme é Gustavo, que exerce a função que intitula o filme e vive em uma vila operária em São Paulo, habitada por caipiras e por italianos, com a esposa e seus dois filhos, que ocultam dos amigos a realidade humilde da família. A filha do “linguiceiro”, como o protagonista se denomina, por fim, arranja um namorado rico e as famílias passam a conviver trazendo à tona as diferenças entre ambas.

Entretanto Gustavo não consegue se adaptar aos modos da alta sociedade, colocando a família em diversas situações embaraçosas, principalmente quando convida um grupo de mendigos para morar na mansão do genro, sendo obrigado pelo mesmo a desfazer tal cortesia. Enfim, o protagonista “sofre por não se adaptar à vida de riquezas, voltando às origens e concluindo o filme com o lema de que dinheiro não traz felicidade” (MATOS, 2010, p: 154).

No ano seguinte, o filme produzido foi *Casinha pequenina*, produção que contou com a participação dos atores Tarcísio Meira e Luiz Gustavo, ainda estreantes na carreira, além de artistas recorrentes na filmografia da PAM

Filmes como: Geny Prado, Roberto Duval e Marly Marlei. Na trama desenvolvida no final do século XIX, Mazzaropi é Chico, um capataz que procura ajudar os escravos da fazenda e, para isso, engana constantemente seu patrão, um corrupto senhor de engenho. Assim, percebemos a clara demonstração das injustiças sociais, através do antagonismo entre o perverso vilão, na figura do patrão, e os bondosos oprimidos, personificados por Chico e pelos escravos.

Em 1963, foi realizado *O Lamparina*. Nessa obra, o protagonista Bernardino, junto com sua família, perambula de vilarejo em vilarejo atrás de emprego em alguma fazenda, sempre sem sucesso. Depois de uma série de confusões, o Jeca acaba se deparando com um grupo de cangaceiros e infiltra-se em seu meio ao fingir ser um deles. Então, visando assentar moradia em definitivo, Bernardino elabora um plano com a polícia do vilarejo, que era alvo de constante saques do bando, para capturar os cangaceiros.

Todavia, durante a armadilha, o Jeca se perde e é preso por um ano e dado como morto. Quando ele retorna todos acreditam se tratar de um espírito: desse modo, insere-se pela primeira vez, de maneira discreta, a temática espiritualista, tão utilizada em meados da década de 1970 nas produções da PAM Filmes. Passado algum tempo e com a ajuda do vigário, Bernardino esclarece a situação, recuperando seu lar e sua família.

No filme *Meu Japão brasileiro*, de 1964, o Jeca é Fufuca. Ele e sua família vivem em um vilarejo composto por brasileiros e por uma significativa parcela de japoneses, que tem como principal atividade de subsistência a agricultura. Contudo, o prevaricador Leão, dono da cooperativa intermediária além de delegado local, aproveita-se de seu poder para explorar descaradamente todos os que negociam em seu estabelecimento. Cansada de ser explorada a população sob a liderança de Fufuca, funda sua própria cooperativa. A iniciativa desperta a ira de Leão, que passa a armar diversas tramoias contra o Jeca e a colônia de japoneses.

Destacamos o fato de que o vilão da película exercer também a função de um delegado que impõe sua autoridade por meio da coação, desrespeitando os direitos da população, justamente no ano de instauração da ditadura militar no Brasil, representando, desse modo, a situação de

desconfiança que os brasileiros possuíam em relação às autoridades daquele período. Porém, ao final, Leão é desmascarado e preso, e o Jeca é promovido a delegado, libertando o vilarejo das injustiças.

Logo após o estabelecimento do regime ditatorial há uma reconfiguração das críticas sociais e dos temas nas produções da PAM, segundo Glauco Barsalini:

O que há de comum, e muito marcante, entre esses filmes é a luta pela terra e pela moradia. Assim como a relação entre rico e pobre, esse tema é permanente em Mazzaropi. (...) No entanto nesse período de 1959 a 1964, (...), têm-se a intensificação dos movimentos políticos de trabalhadores rurais, em boa medida representado pelas Ligas Camponesas reivindicando a reforma agrária; percebe-se também, o crescimento do movimento estudantil; tem-se a ascensão de João Goulart à presidência da república, (...) mas tudo é interrompido por força da tomada do Estado pelos militares. No período do regime militar ainda subsiste, em seus filmes, de maneira mais ou menos explícita, o perfil de crítica ao processo político impositivo e de exclusão social (BARSALINI, 2002, p: 112 e 113).

Já em 1965 foi feito *O puritano da rua Augusta*, em que o protagonista é Pundoroso, um rico empresário extremamente preocupado com os bons costumes e membro ativo de uma liga moralizadora da sociedade. Entretanto, após sofrer um infarto, devido à visão de uma mulher trajada de biquíni, ele altera radicalmente seus costumes. Pundoroso decide não mais repreender as pessoas, torna-se um farrista, com direito a novo visual, adota a companhia de outra mulher, além da esposa, e passa a participar de apostas.

A partir da mudança de comportamento do protagonista realizam-se críticas sutis, sobre a influência da cultura norte-americana sobre os valores da época. Como encerramento da película, após enfrentar diversas reviravoltas em sua vida, Pundoroso decide deixar a liga moralista, abandonar a farra e voltar aos negócios, reunindo finalmente a família.

*O Corintiano* foi produzido em 1966 e, como revela o título, tem como tema central a paixão de um torcedor por seu time de futebol. O torcedor é Manuel, um barbeiro fanático pelo Corinthians, capaz de cometer as mais insanas atitudes, como adotar um burro como mascote ou tentar subornar o juiz antes de uma partida para garantir a vitória do time. *O Corintiano* conta apenas com um número musical, uma ode ao burrinho, sendo interpretado por Mazzaropi.



O filme de 1967 foi *O Jeca e a freira*, cuja narrativa é ambientada no final do século XIX e em que voltam a ser abordados os abusos de poder, as desigualdades sociais e a ausência de liberdade da população. Sejismundo é um colono que vive com sua família nas terras do patrão, porém após o nascimento de sua filha, tem a menina levada pelo patrão, sob a promessa de ser devolvida ao término de seus estudos. Passados quinze anos, a menina regressa, sem ter conhecimento sobre sua verdadeira origem, pois foi criada por Pedro, patrão de Sejismundo, como se fosse realmente sua filha e o mesmo proíbe que a verdadeira família sequer se aproxime dela.

Apesar das ameaças do patrão, o Jeca arrisca-se em diversas situações para recuperar a filha. Ele tenta, inclusive, recorrer à polícia local, denunciando os abusos cometidos pelo patrão, mas não obtêm qualquer ajuda, em uma alusão à falta de confiança que a população do período tinha na instituição policial.

O Jeca encontra apoio na freira que acompanha sua filha e nos filhos do fazendeiro vizinho, que o ajudam a lutar contra Pedro. Após travarem uma batalha nas terras do patrão, Sejismundo consegue derrotá-lo e, finalmente, ter sua filha de volta. A partir de *O Jeca e a freira*, todos os filmes da produtora foram filmados em cores.

No ano seguinte, a produção da PAM Filmes foi; *No paraíso das solteironas*, em que o protagonista, apelidado como JK, em explícita referência ao ex-presidente Juscelino Kubitschek, resolve mudar-se para outra cidade com sua vaca de estimação, onde se envolve em inúmeras confusões com a polícia, com ciganos e com um grupo de solteironas atrás de um marido.

Em 1969 foi realizado *Uma pistola para Djeca*. Nesse filme percebemos, mais uma vez, a reiteração do antagonismo entre empregados, vistos como bons, e patrões representando os vilões, pois o protagonista Gumercindo sofre diversas retaliações do patrão ao tentar que o filho do coronel case-se com sua filha para finalmente assumir seu neto. A película conta ainda com números musicais de Silvana, Mazzaropi e Afonso Barbosa, com o conjunto Os Caçulas.

Já no filme *Betão Ronca Ferro*, de 1970, a PAM realizou uma homenagem aos espetáculos circenses, meio em que Mazzaropi estreou como artista, através da história de Betão, um vendedor de amendoim que, com sua

esposa e filha, integra uma pequena trupe mambembe. O título da película faz alusão a uma novela de grande sucesso na época, Beto Rockfeller, mas em nada tem que ver com a trama dessa produção. A humilde trupe da qual o protagonista participa enfrenta uma grave crise, pois já não consegue atrair público para suas apresentações, amargando um fracasso após o outro. Para complicar a situação, a filha do protagonista decide se casar, abandonando o circo e, por consequência, sua função no espetáculo. A decisão faz com que o responsável pela trupe ameace expulsar Betão do grupo.

Entretanto o futuro sogro de sua filha, no dia do casamento faz um empréstimo a Betão, para que esse consiga resolver seus problemas financeiros. De posse desses recursos, Betão decide comprar o circo do qual fazia parte, realizando investimentos, mantendo os mesmos artistas e alterando seu nome para New York Circus, assim como os nomes das atrações, alcançando grande êxito em pouco tempo. Segundo o protagonista, em uma crítica aos valores culturais da época, o motivo desse grande sucesso residia no fato do circo contar apenas com “espetáculos estrangeiros”, mencionando mais uma vez a supervalorização da cultura americana em nosso país.

No ano seguinte foi produzido *O grande xerife* em que Inácio Pororoca um carteiro viúvo é promovido a xerife da cidade, por meio de uma armadilha tramada pelo prefeito em conjunto com o banqueiro, tendo a missão de capturar o bandido mais perigoso da região, João Bigode. A produção é uma paródia óbvia aos filmes de faroeste americano, recurso bastante utilizado nas comédias, que começa a ser notado de maneira mais recorrente nas obras da PAM Filmes a partir de *O grande xerife*. Nas palavras de Mikhail Bakhtin:

Para os parodistas, tudo sem a menor exceção é cômico; o riso é tão universal como a seriedade, ele abarca a totalidade do universo, a história de toda a sociedade, a concepção do mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se entende sobre todas as coisas e à qual nada escapa. É de alguma maneira o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo através do jogo e do riso. (BRAGANÇA<sup>7</sup>, 2003 apud BAKHTIN, 1999, p: 73).

---

<sup>7</sup> BRAGANÇA, Maurício. *Cantinflas e Mazzaropi: Um peladito e um caipira no descompasso do bolero e do samba*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal Fluminense em 2003.

As películas lançadas em seguida *Um caipira em Bariloche* e *Portugal minha saudade* foram tentativas da PAM de internacionalizar sua produção. Em 1971 foi realizado *Um caipira em Bariloche*, que conta a história de Polidoro, um fazendeiro que, mesmo contra sua vontade, é persuadido pelo genro a vender sua propriedade e viver na cidade. O comprador da fazenda é, na verdade, Raul, um comparsa do genro e ambos em conjunto armaram um golpe contra o Jeca para lucrar com sua fazenda. Todavia, Polidoro decide desfazer o negócio, para desespero dos golpistas, os quais, visando ganhar tempo, convencem o Jeca a acompanhar a esposa de Raul a Bariloche. Então, são inseridas várias sequências do caipira na cidade argentina e de seus pontos turísticos. No encerramento, os vilões são punidos e Polidoro consegue enfim recuperar sua fazenda.

Posteriormente, em 1973, foi produzido *Portugal, minha saudade*. O filme narra a história de dois irmãos gêmeos: Agostinho, um feirante que vive no Brasil, e Sabino, um empresário que vive em Portugal, sendo que ambos foram separados ainda na infância. Após a morte repentina da esposa de Agostinho, Sabino vêm ao Brasil buscar o irmão para uma temporada em Portugal. Assim, boa parte da película foi rodada nas cidades portuguesas de Lisboa, Coimbra e Fátima. Quanto à parte ambientada no Brasil foram utilizados os estúdios da PAM em Taubaté, além de algumas locações em Pindamonhangaba.

Em 1974, foi realizado *O Jeca macumbeiro*, produção que, segundo levantamentos da Ancine (Agência Nacional de Cinema), figura na vigésima sétima posição dos filmes mais vistos no Brasil entre 1970 e 2010, com quase 3,5 milhões de espectadores, sendo, conseqüentemente o maior recorde de público registrado oficialmente pela Produções Amácio Mazzaropi. A película conta a história de Pirola, um lavrador que, ao receber de presente do amigo Nhônho uma grande quantia em dinheiro, vive inúmeras confusões.

O ingênuo protagonista, temendo ser roubado recorre, a um fazendeiro falido e confia a ele seu dinheiro, para que fosse guardado em segurança. Contudo, coronel Januário, também metido a pai de santo, forja provas de não ter guardado qualquer pertence do Jeca, espalhando ainda, à população que Pirola está possuído por maus espíritos. Em uma tentativa de reaver seu

dinheiro, o protagonista decide participar de uma sessão espírita organizada pelo vilão, fingindo também ser médium, incorporando espíritos e fazendo previsões, conseguindo assim desmascarar Januário. Ao final, o coronel é preso, e o Jeca distribui o dinheiro para os amigos do povoado. Ressaltamos, dessa maneira, que em *O Jeca macumbeiro* inaugurou-se declaradamente a inserção da temática espiritualista nos filmes produzidos pela PAM.

*Jeca contra o capeta* foi produzido em 1975. O filme conta a história de Poluído, um lavrador casado, porém perseguido há vários anos por uma rica fazendeira da região, que, ao descobrir a aprovação da lei do divórcio exige do protagonista sua separação. Revoltada com as negativas do protagonista, a vilã engendra a família dele em uma rede de intrigas através da ocorrência de um assassinato.

Nessa produção, o sobrenatural veio novamente à tona, sob forma de paródia, em diversas ocasiões: na aparição de um hippie como “Jesus Cristo”, aconselhando o protagonista em um momento de desespero; na personificação da vilã como o capeta nos pesadelos do Jeca; e na “possessão” da esposa de Poluído, em alusão ao filme de terror americano *O Exorcista*, justificada pelo bando de cachorros que viviam sob sua cama. Contudo, as tramoias da fazendeira são reveladas no encerramento, ela é presa, e o Jeca pode, enfim viver tranquilamente com sua família.

Em 1977 foi realizado *Jecão... Um fofoqueiro no céu*, em que o protagonista homônimo ao título, após ganhar na loteria, torna-se o centro das atenções da cidade. Essa fortuna provoca o interesse de grande parte do povo, principalmente de um coronel que, não conseguindo roubar o prêmio de Jecão, resolve matá-lo. Após a morte, o protagonista chega ao Céu, porém visita o Inferno, para conferir o lugar, e engana os anjos para vir à Terra punir seu assassino e avisar a sua família sobre onde escondeu o dinheiro. Portanto, misturam-se novamente, às crenças populares, o bem e o mal, de maneira dicotômica. Ao final, os anjos decidem que Jecão morreu muito cedo, fazendo seu espírito retornar à Terra através da reencarnação.

Ainda no mesmo ano iniciou-se a produção de *Jeca e seu filho preto*, que trata de temas como racismo, opressão do trabalhador e religiosidade. O protagonista, Zé, e sua esposa têm dois filhos; inexplicavelmente, um deles

nasceu branco e o outro negro, situação que fazia o Jeca suspeitar da fidelidade de sua mulher. No entanto, o filho preto do Jeca apaixona-se pela filha do patrão, o coronel Cheiroso que, por sua vez, não se conforma com a escolha da moça sobre namorar um rapaz pobre e negro. O coronel se opõe categoricamente a essa relação e ordena diversas represálias contra a família do rapaz, chegando a assassinar seu compadre, por apoiar o casal.

A partir desse assassinato o sobrenatural vem à tona, pois fantasmas aparecem no quintal do Jeca, e o espírito do compadre de Cheiroso incorpora-se em seu assassino e em Zé, com o intuito de se comunicar com o delegado e com sua esposa, gerando sequências cômicas. Por fim, o protagonista consegue ajudar o delegado a prender o vilão e, no julgamento desse, ocorre a revelação de que o casal formado pela moça branca e o rapaz negro, é na realidade de meio-irmãos, resultado de uma "infidelidade" conjugal de Cheiroso.

Em 1978 foi produzido *A banda das velhas virgens*, título que faz referência às pornochanchadas. O filme conta a história de Ananias Gostoso, colono de uma fazenda e maestro da banda homônima ao título, organizada pelo padre da cidade. O protagonista vive com a família na propriedade do patrão, mas sofrem ameaças consecutivas quando seus filhos se envolvem com os filhos do patrão.

Assim, o Jeca deixa a fazenda, muda de ofício e torna-se catador de lixo, assim como toda a família. Durante uma coleta de material, sua esposa encontra algumas "bijuterias", utilizando-as diariamente sem saber que se tratavam de joias procuradas pela polícia. Em um grande mal-entendido, o protagonista é preso, sendo enfim inocentado pela dona das joias, que garante aos policiais que Ananias não era o ladrão. Agradecida pela recuperação de seus pertences, a milionária doa uma casa para a família do Jeca e a produção se encerra em mais um final feliz.

A PAM Filmes produziu sua última obra em 1979, *Jeca e a égua milagrosa*. A película versa sobre a disputa eleitoral entre os coronéis Afonso e Libório, também chefes de cultos religiosos distintos, pela prefeitura da cidade. O protagonista Raimundo vê-se envolvido nesse embate devido à perseguição executada pelo espírito de sua falecida esposa, que se comunica com ele

principalmente quando ele está perto da suposta égua divina, pertencente ao terreiro do coronel Libório. Visando, então, confirmar a divindade do animal, o vilão obriga Raimundo a casar-se com a tal égua.

Ressaltamos que a produção aconteceu no momento em que o regime autoritário vigente empreendia uma abertura política, mas, através da disputa eleitoral explorada no filme, demonstra-se que ainda persistiam as mesmas falhas na política, como clientelismo, messianismo e opressão dos poderosos sobre os mais humildes. Ao final, o coronel Libório é desmascarado, e com a ajuda do Jeca, o verdadeiro religioso, coronel Afonso, vence as eleições.

Em 1980 a PAM Filmes iniciou a produção de *Maria tomba homem*, contudo os preparativos foram suspensos quando as condições de saúde de Mazaropi pioraram, culminando em seu falecimento no ano seguinte. Portanto, a película não foi finalizada e a produtora chegou ao fim. De acordo com Glauco Barsalini:

O público não se dirigia ao cinema para ver algum filme em que um dos atores fosse Mazaropi, mas freqüentava as casas de projeção para ver Mazaropi em algum filme. O mais importante era (...), a própria presença da figura que Mazaropi sabia como nenhum outro ator de seu tempo, representar. (BARSALINI, 2002, p: 108).

Por isso a produtora não se preocupou em estabelecer um star-system exclusivo como fizeram a Atlântida e a Vera Cruz. Os atores escalados para trabalhar nos filmes geralmente representavam os mesmos papéis e eram pouco conhecidos na mídia, salvo exceções como Geny Prado. Segundo a atriz Gilda Valença, que trabalhou em sete filmes realizados pela PAM, era sempre interessante, para um ator estreante, participar dos filmes da empresa, porque rapidamente se alcançava popularidade e projeção (LEITE, 1977), como havia acontecido, por exemplo, com Emiliano Queiroz, em *O Lamparina*.

Há em cada produção, a reiteração da mesma mensagem: a reivindicação contra as injustiças sociais na opressão exercida pelos vilões ricos e poderosos, sobre o pobre, encarnado pelo herói Jeca. A crítica obedecia a uma linearidade narrativa, repleta de piadas dúbias e dotada da linguagem popular independentemente da temática abordada.

Podemos notar tal mensagem: na expulsão do Jeca de sua casa, em *Jeca Tatu*; na apropriação da filha do empregado pelo patrão, em *O Jeca e a freira*; na nomeação de um ingênuo carteiro para delegado, pelo prefeito e pelo banqueiro em *O grande xerife*; e ainda na imposição feita por um coronel e pai de santo ao casar um simples lavrador com um animal, em *Jeca e a égua milagrosa*.

Dessa forma, percebemos que as obras produzidas pela PAM Filmes dialogavam diretamente com o público, através de seu protagonista, ao utilizarem uma linguagem cinematográfica embasada no populismo cultural que “critica o elitismo cultural, mas define a cultura popular como a única verdadeira, embora primitiva” (COELHO, 2004, p: 308), gerando identificação nas platéias. Além disso, havia a maneira como a produtora trabalhava, e negociava seus filmes, estabelecendo sua operação no mercado com base em capital próprio, o que garantia sua exibição.

Assim, aliando uma dinâmica de operação mercadológica bem sucedida a uma produção simbólica conectada à cultura de massa, a Produções Amácio Mazzaropi contabilizou, ao longo de suas vinte e quatro produções o impressionante número de 160 milhões de espectadores.

## **CONCLUSÃO**

Durante essas páginas, buscamos esboçar de que maneira a PAM Filmes conseguiu articular, ao longo de seus vinte e oito anos de atuação, um efetivo sistema de produção cultural.

Para tanto, o envolvimento da empresa na feitura de cada película se iniciava no processo de produção. Nessa primeira etapa, havia um controle rígido da elaboração e do desenvolvimento dos filmes. Posteriormente, organizou-se um aparato que se ocupava da disponibilização das obras aos espectadores, ou seja, da distribuição. Para que, a partir das exhibições, o público pudesse, enfim, “consumir” o filme, estabelecendo uma relação com ele. Tal conjuntura permitiu que a produtora realizasse novas películas, através da recuperação de seus investimentos e dos lucros auferidos com o consumo da obra anterior, asseverando a manutenção da dinâmica desse sistema.

Como aponta Paulo Emílio (apud GOMES, 1986) a produção cinematográfica brasileira, desde seus primórdios, tentou se consolidar em seu próprio mercado. Em vista disso, foram recorrentes os exemplos de produtoras que não conseguiram permanecer em atividade, sucumbindo em meio à complexidade mercadológica por razões que abarcaram desde a ausência de políticas governamentais protecionistas até não atentar para a importância de dialogar com todas as fases da cadeia produtiva.

Com esse trabalho, conseguimos detalhar uma forma de inserção do produto cultural filme no mercado, na qual não se “recorria à interferência do Estado como exigência para a continuidade de sua produção. Porque é sabido que, quando os setores produtor e distribuidor se aliam, as possibilidades de sucesso econômico se multiplicam” (AMANCIO, 2009, p: 104). A articulação citada permitiu que a PAM Filmes fosse capitalizada, estabelecendo não somente sua autossustentação, mas conservando também uma considerável infra-estrutura própria.

É interessante observar que o modelo de operação praticado pela produtora foi bem-sucedido devido à enorme popularidade alcançada pelos longas-metragens lançados anualmente, mesmo diante do quase unânime rechaço feito pela crítica especializada. Atribui-se o êxito obtido junto ao



público ao fato de que todos os filmes foram protagonizados pelo Jeca mazzaropiano, por contarem com uma linearidade narrativa, por terem recursos de composição e compreensão de mundo semelhantes e por abordarem temas em evidência.

Entendemos que por estar atenta às transformações políticas, sociais e econômicas ocorridas em cada época, a PAM Filmes soube sintonizar em cada trama as necessidades cotidianas enfrentadas por seu espectador, através da dicotomia bondade e maldade, amalgamando-as simultaneamente às tradições culturais populares personificadas nos costumes do protagonista caipira.

Outro ponto que gostaríamos de ressaltar, no processo de corroboração da empresa com suas plateias, é o personagem do Jeca, que unificou o tradicionalismo do passado com a modernidade de então, tornando-se um símbolo da cultura popular e massiva, principalmente porque foi Mazzaropi quem imortalizou esse tipo nos cinemas, com as obras realizadas pela PAM Filmes, ao interpretá-lo como um homem que lutava para manter suas raízes culturais apesar das transformações em seu contexto social, permitindo que o público se visse projetado nas telas.

No entanto, ressaltamos a clara intercessão entre as razões que levaram ao sucesso e ao término da produtora: a centralização de poder em torno de seu criador. Mazzaropi concentrou todo o sistema de operação da PAM Filmes em torno de si, ao exercer as funções de roteirista, protagonista, diretor, produtor e gestor da companhia, impedindo a continuidade das atividades após a sua morte. Desse modo, os únicos filmes produzidos pela empresa foram os do ator.

Caso o campo técnico da produtora estivesse disponibilizado para a realização de películas de outros diretores e produtores, a contribuição ao desenvolvimento do cinema nacional talvez houvesse se ampliado, permitindo o surgimento de uma nova dinâmica de trabalho.

Apesar disso, foi relevante a contribuição da PAM Filmes à produção cultural e cinematográfica brasileira ao demonstrar ser possível produzir, em um modelo semelhante ao industrial, filmes essencialmente populares, atingindo uma autossustentabilidade produtiva e econômica

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMANCIO, Tunico. Pacto cinema-Estado: Os anos Embrafilme. IN: GATTI, André Pierro & FREIRE, Rafael de Luna (Org.) Retomando a questão da Indústria Cinematográfica Brasileira, Rio de Janeiro: Associação cultural Tela Brasilis, 2009.

AUDRÁ JÚNIOR, Mario. *Cinematográfica Maristela: Memórias de um produtor*. São Paulo: Silver Hawk, 1997.

ARAÚJO, Celso Arnaldo. "Mazzaropi". *Revista Fatos e Fotos n°905*, Brasília, P-100-106, dez 1978. Entrevista.

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na idade média e no renascimento- o contexto de François Rabelais. Brasília: Ed da UNB/HUCITEC; 1991.

BARSALINI, Glauco. *Mazzaropi: O Jeca do Brasil*. Campinas: Átomo, 2002.

BERNARDET, Jean Claude. *Cinema brasileiro: Propostas para uma história*, 2ª edição, São Paulo: Companhia das letras, 2009.

\_\_\_\_\_. Nem pornô, nem policial: Mazzaropi. Disponível em <http://www.museumazzaropi.com.br/sucesso/suc11.htm>.

BRAGANÇA, Maurício de. *Cantinflas e Mazzaropi: Um peladito e um caipira no descompasso do bolero e do samba*. Tese de mestrado defendida na Universidade Federal Fluminense em 2003.

CALABRE, Lia. *A era do rádio*, 2ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.

CATANI, Afrânio Mendes. *A Aventura industrial e o cinema paulista*. IN: RAMOS, Fernão (Org.) História do Cinema Brasileiro, São Paulo: Art Editora, 1987.

\_\_\_\_\_. *Histórias do Cinema Brasileiro: 4 ensaios*. São Paulo: Panorama do saber, 2004.

CHALUPE, Hadija. *O filme nas telas- a distribuição no cinema nacional*. Tese de Mestrado defendida na Universidade Federal Fluminense em 2009.

COELHO, Teixeira. *Dicionário Crítico de Política cultural*. São Paulo: Iluminuras, 2004.

COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder - a inocência perdida: cinema, televisão, ficção e documentário*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

GALVÃO, Maria Rita. *Burguesia e cinema: O Caso Vera Cruz*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

GOMES, Paulo Emílio Salles. *Crítica de cinema no suplemento literário* (Coleção Cinema, v.9). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. *Cinema: Trajetória no subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LEITE, Paulo Moreira. "A Hollywood caipira". Disponível em <http://www.museumazzaropi.com.br/sucesso/suc11.htm>.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MATOS, Marcela. *Sai da frente! Vida e obra de Amácio Mazzaropi*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2010.

RIBEIRO, Hamilton. "Mazzaropi". *Revista Realidade* n°51, São Paulo, P-100-106, jun 1970. Entrevista.

SALEM, Armando. "O Brasil é meu público". *Revista Veja* n° 73, São Paulo, P-3-6, 28 jan 1970. Entrevista.

SIMIS, Anita. *Estado e cinema no Brasil*, 2ª edição, São Paulo: Annablume, 2008.

VIANY, Alex. *Introdução ao cinema brasileiro*, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1959.

VIEIRA, João Luiz. Industrialização e cinema de estúdio no Brasil: a Fábrica Atlântida. In: GATTI, André Pierro & FREIRE, Rafael de Luna (Org.) Retomando a questão da Indústria Cinematográfica Brasileira, Rio de Janeiro: Associação cultural Tela Brasilis, 2009.

<http://www.cinemabrasileiro.net/maristela.html> (Cinema Brasileiro na net)-  
Acessado em 27/05/2011

<http://www.meucinemabrasileiro.com.br/filmes/> (Meu cinema brasileiro)-  
Acessado em 30/05/2011

[http://www.ancine.gov.br/oca/rel\\_filmes.htm](http://www.ancine.gov.br/oca/rel_filmes.htm) (Agência nacional de Cinema)-  
Acessado em 10/06/2011

<http://www.museumazzaropi.com.br> (Museu Mazzaropi) – Acessado entre  
20/03/2011 a 27/06/2011.

**ANEXO 1: IMAGENS DE FILMES DA PAM E DO MUSEU MAZZAROPI**



Logotipo da Produções Amácio Mazzaropi



*Jeca Tatu* (1959)



O Grande Xerife (1971)



O Jeca Macumbeiro (1974) maior bilheteria da PAM Filmes



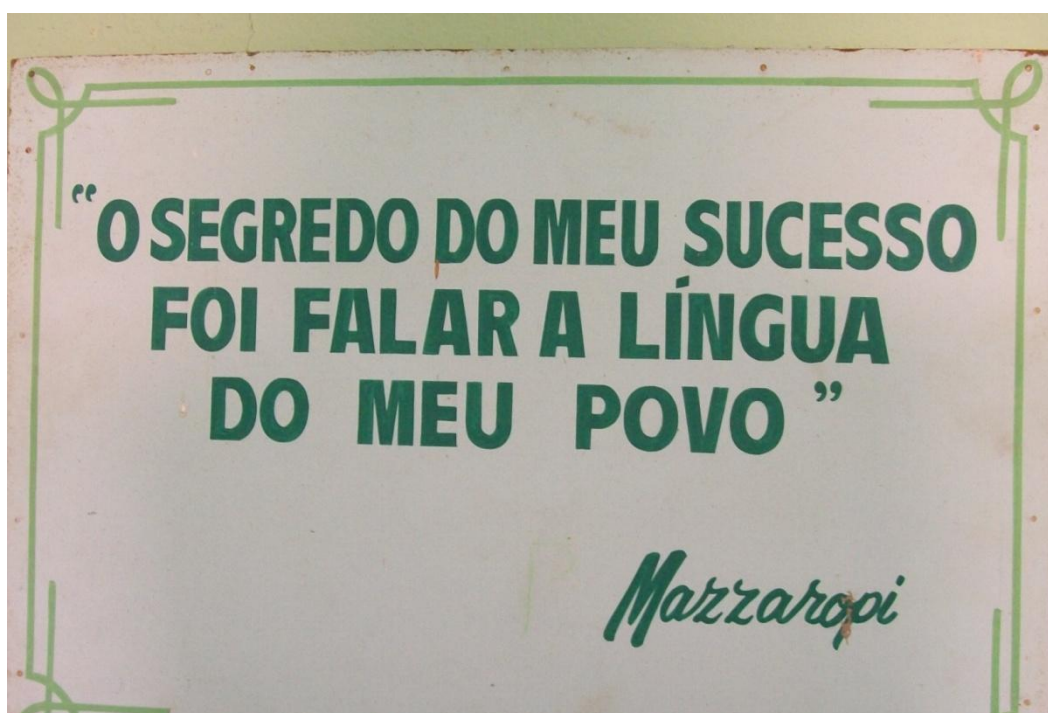
Mazzaropi e Geny Prado em *O jeca e a égua milagrosa* (1980)



Fachada do Hotel Fazenda Mazzaropi em Taubaté, últimos estúdios da PAM Filmes



Entrada do Hotel fazenda Mazzaropi



Placa do Museu Mazzaropi, localizado no interior do Hotel Fazenda Mazzaropi



Parte do acervo do Museu Mazzaropi



Estrutura do Museu Mazzaropi inaugurada em abril de 2010



## **ANEXO 2: Ficha técnica da filmografia da PAM Filmes**

### **1-*Chofer de praça***

Duração: 96 minutos

Ano de produção: 1958

Lançamento: 1959

Preto e branco

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Ana Maria Nabuco, Carmen Morales, Maria Helena Dias, Roberto Duval, Celso Faria, Marlene Rocha, Nina Marques, Nena Vianna, Benedito Lacerda, Jota Neto, Biguá, José Soares, Luiza Orioni, Reinaldo Martini, Cavagnole Neto, Vic Marino, Robertinha, Bolinha, José Miranda, Joel Cardoso, Hamilton Saraiva, Elpídio dos Santos, Sebastião Barbosa, Joel Mellin, Genésio Cesar, Rubens Assis, Clenira Michel, Nadir Leite, Cidoca, Dhalia Marcondes, Julieta Faya, Olinda Fernandez, Lola Garcia, Francis Ramos

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Direção: Milton Amaral

Argumento: Amácio Mazzaropi

Roteiro técnico: Carlos Alberto S. Barros

Diálogos: Amácio Mazzaropi, José Soares

Direção de fotografia: Rodolfo Icsey

Assistente de câmera: Marcial Allonso

Foco: Eduardo Tanon

Produção: Felix Aidar

Som: Ernest Hack, Constantino Warnowsky, Boris Silitschanu

Montagem: Lucio Braun, Gilberto Costa

Cenografia: Geraldo Ambrosio

Maquiagem: Maury Viveiros

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *Se alguém telefonar*, de Alcir Pires Vermelho e Jair Amorim, por Lana Bittencourt - Columbia; *Onde estará meu amor*, de Rina Posce, por Agnaldo Rayol; *Izabel não chores*, de Bolinha, por Mazzaropi - Chantecler

Continuidade: J. Carlos Ferraezi

Estúdio de filmagem: Companhia Cinematográfica Vera Cruz (São Bernardo do Campo)

Laboratório de imagem: Rex filme S.A. (SP)

Local de Produção: São Paulo, SP

## **2-Jeca Tatu**

Duração: 95 minutos

Ano de produção: 1959

Lançamento: 1960

Preto e branco

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Roberto Duval, Nicolau Guzzardi (Totó), Nenna Viana, Marlena França, Francisco de Souza, Miriam Rony, Marlene Roch, Pirolito, Marthus Mathias, Hamillton Saraiva, José Soares, Hernani Almeida, Homero Souza Campos, Eliana Wardi, Marilú, Galampito, Augusto César Ribeiro, Argeu Ferrari, Os meninos, Cláudio Barbosa, Humberto Barbosa, Newton Jaime S. Amadei

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Direção: Milton Amaral

Argumento: Amácio Mazzaropi

Roteiro: Milton Amaral

Adaptação: Do conto *Jeca Tatuzinho*, de Monteiro Lobato cujos direitos autorais foram cedidos pelo Instituto Fontoura.

Direção de fotografia: Rodolfo Icsey

Câmera: George Pfister

Foco: Marcial Allonso

Assistente de fotografia: Hector Femenia

Fotógrafo de cena: José Amara

Produção: Félix Aidar

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Som: Ernest Hack, Constantino Warnowsky

Edição: Mauro Alice

Maquiagem: Maury Viveiros

Canções: *Ave Maria*, samba-canção de Vicente Paiva e J. Redondo, por Lana Bittencourt, gravado em disco Columbia; *Tempo para amar*, rock de Fred Jorge e Mário Genari Filho, por Tony Campello e Cely Campello; *Estrada do Sol*, samba-canção de Antonio Carlos Jobim e Dolores Duran, por Agnaldo Rayol, gravado em disco Copacabana; *Fogo no rancho*, de Elpídio dos Santos e Anacleto Rosa, por Mazzaropi; *Pra mim o azar é festa*, de João Izidoro Pereira e Ado Benatti, por Mazzaropi.

Continuidade: José Soares

Estúdio de filmagem: Companhia cinematográfica Vera Cruz (São Bernardo do Campo)

Laboratório de imagem: Rex Filme S. A. (SP)

Metragem: 2462,3 m, filmado em 35 mm, em 24 quadros

Local de Produção: São Paulo, SP

### **3- *As aventuras de Pedro Malasartes***

Duração: 89 minutos

Ano de produção: 1960

Lançamento: 1960

Preto e branco

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Genésio Arruda, Dorinha Duval, Benedito Liendo, Nena Viana, Alvim Fernandes, Kleber Afonso, Nicolau Guzzardi, Noemia Marcondes, Augusto Machado de Campos, Oswaldo de Barros, Lourdes Lambert, Hernani Almeida, Hermes Câmara, Wilson Rodrigues, Araken de Almeida, Maury Viveiros, Maria de Lourdes, Marthus Mathias, Bonfiglio Campagnoli, Irene Kranis, Cecília Arantes Ferreira, Marry Carlos, Francisco de Souza, Hamilton Saraiva, José Soares, Penacho, Ventura Ferreira, Lana Bittencourt, Conjunto Farroupilha, Claudio de Barros

Participação especial dos meninos: João Batista de Souza, Péricles de Almeida, Walter Fernandes, Paulo Roberto Felice, José Antonio Pinto Arantes, Durval César Sampaio

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Direção: Amácio Mazzaropi

Assistente de direção: Agostinho Martins Pereira

Argumento: Galileu Garcia

Roteiro: Osmar Porto, Marcos César

Direção de fotografia: Rodolfo Icsey

Operador de câmera: George Pfister

Produção: Amácio Mazzaropi

Gerente de produção: Carlos Rodrigues

Som: Marcelo Primavera

Montagem: Máximo Barro

Cenografia: Franco Ceni

Construção: José Dreos

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *Além* de Sidney Morais e Edson Borges, por Lana Bittencourt; *Meu cabelo* e *Maçanico* de Paixão Cortes e Barbosa Lessa, por Conjunto Farroupilha; *Sem Destino* de Claudio de Barros e Jucata, por Claudio de Barros; *Coração Amigo* e *Meu Defeito*, de Elpídio dos Santos e Zé do Rancho, por Mazzaropi

Continuidade: José Soares

Estúdio de filmagem: Companhia cinematográfica Vera Cruz (São Bernardo do Campo) e Itu (SP)

Laboratório de imagem: Rex filmes S.A. (SP)

Local de Produção: Itu (SP)

#### **4-Zé do Periquito**

Duração: 100 minutos

Ano de produção: 1960

Lançamento: 1961

Preto e branco

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Roberto Duval, Nena Viana, Carlos Garcia, Amélia Bittencourt, Augusto Cesar Ribeiro, Maria Helena Dias, Eugênio Kusnet, Ida Barros, Genésio Arrusa, Marlene Rocha, Hamilton Saraiva, Anita

Sorrento, Argeu Ferrari, Ely Nida, Carlão, Irma Rodrigues, Faria Magalhães, Maria Luiza, Hermes Câmara, Jacira Sampaio, José Soares, Monica Walesca, Kleber Afonso, Noemia Marcondes, Marcelo Bittencourt, Olinda Fernandez, Natal Sauba, Sonia Fernandes, Orlando Juliane, Reinaldo Restivo, Agnaldo Rayol, Celly Campelo, George Freedman, Hebe Camargo, Paulo Molin, Tony Campelo

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Direção: Amácio Mazzaropi

Codiretor: Ismar Porto

Argumento: Amácio Mazzaropi

Roteiro: Ismar Porto

Direção de fotografia: Rodolfo Icsey

Câmera: Geraldo Gabriel

Cena: José Amaral

Foco: Marcelo Primavera

Gerente: Antonio B Tomé

Assistente: Benedito Marins

Produção: Amácio Mazzaropi

Gerente de produção: Antônio B. Thomé

Som: Constantino Warnowsky

Gravação: Ernest Hack

Montagem: Máximo Barro

Eletricista: Girolano Bruno

Maquinista: Martino Martini

Cenografia: Pierino Massenzi

Assistente: Silvio Dreos

Construção: José Dreos

Maquiagem: Maury Viveiros

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *Passe a viver*, letra e música de Heitor Carillo, por Hebe Camargo e Agnaldo Rayol; *Gostoso mesmo é namorar*, letra e música de Heitor Carillo, por Cely Campello, George Freedman, Paulo Molin, Tony Campello e Carlão;

*Saudade me deixa*, letra e música de Bolinha, por Mazzaropi; *Jóia do Sertão*, letra e música de Elpídio dos Santos, por Mazzaropi

Estúdio de filmagem: Companhia cinematográfica Vera Cruz (São Bernardo do Campo, SP)

### **5-*Tristeza do Jeca***

Duração: 95 minutos

Ano de produção: 1961

Lançamento: 1961

Colorido

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Roberto Duval, Maracy Melo, Nicolau Guzzardi, Anita Sorrento, Eugenio Kusnet, Gilda Monte Alto, Augusto Cesar Vanucci, Eucaris Moraes, Genésio Arruda, Irma Rodrigues, Carlos Garcia, Francisco De Souza, Mario Benvenuti, Edgard Franco, João Batista de Souza, Viana Junior, Durvalino Souza, João Mansur, Augusto Cesar Ribeiro, Selmo Ferreira Diniz, Nilson Sbruzzi, Antonio B. Tomé, Agnaldo Rayol, Mário Zan, Domador: Antônio F. Valêncio, Toureiros: Guimoar Brandão, Tico-Tico, Carrapicho, Gaúcho, Perereca

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Distribuição: PAM Filmes (SP)

Direção: Amácio Mazzaropi

Argumento: Amácio Mazzaropi

Roteiro: Milton Amaral

Direção de fotografia: Rodolfo Icsey

Sstema de cor: Eastmancolor

Câmera: Marcelo Primavera

Produção: Amácio Mazzaropi

Executivos de produção: Sérgio Araújo, Francisco B. de Souza

Gerente: Antonio B. Tomé

Som: Erik Rasmussen

Assistente de Som: Constantino Warnowsky

Microfonista: Miguel Segatto

Montagem: Mauro Alice

Cenografia: Silvio Dreos

Assistente de cenografia: Silvio Dreos

Maquiagem: Maury Viveiros

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *Tristeza do jeca* de Angelino de Oliveira, por Mazzaropi; *A vida vae melhorá* de Heitor Carillo, por Mazzaropi; *Sopro do vento* de Elpídio dos Santos, por Mazzaropi; *Ave Maria do Sertão* de Pedro Muniz e Conde, por Agnaldo Rayol; *Anchieta* por Mário Zan; *Gostozo*, maxixe, com Messias Garcia

Estúdio de filmagem: Fazenda Santa em Taubaté, interior de SP

Laboratório de imagem: Rex Filmes S.A.

Metragem: 2.650 m

Local de Produção: Taubaté, interior de SP

### **6-O vendedor de linguiça**

Duração: 95 minutos

Ano de produção: 1961

Lançamento: 1962

Preto e branco

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Roberto Duval, Ilena de Castro, Carlos Garcia, Maximira Figueiredo, Davis Neto, Maria Helena, Rossignoli, Hamilton Fernandes, Anita Sorrento, Augusto Machado de Campos, Olinda Fernandez, Reinaldo Martini, Nena Viana, Francisco de Souza, José Soares, Edgard, Franco, Antonio B. Tomé, Pery Ribeiro, Elza Soares, Miltinho

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Direção: Glauco Mirko Laurelli

Argumento: Amácio Mazzaropi

Roteiro: Milton Amaral

Direção de fotografia: Rodolfo Icsey

Produção: Amácio Mazzaropi

Auxiliares de produção: Sérgio Araújo, Vianna Júnior

Som: Alexandre Warnowsky

Montagem: Mauro Alice

Cenografia: Silvio Dreos

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *O Linguiceiro* e *Mocinho Lindo* de Elpídio dos Santos, por Mazzaropi; *Olhar de saudade* de Pery Ribeiro, Geraldo Cunha e Laerte Vieira, por Pery Ribeiro; *Não ponha a mão* de Mult, Arnô Canegel e Bucy Moreira, por Elza Soares; *Poema do adeus* de Luiz Antonio, por Miltinho

Gerente: Antonio B. Tomé

Estúdio de filmagem: Fazenda Santa em Taubaté, interior de SP

Local de Produção: São Paulo, SP

### **7-Casinha pequenina**

Duração: 95 minutos

Ano de produção: 1962

Lançamento: 1963

Colorido

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Roberto Duval, Tarcísio Maira, Edgard Franco, Guy Loup, Luis Gustavo, Marly Marley, Marina Freire, Astrogildo Filho, Ingrid Tomas, Abílio Marques, João Batista de Souza, Edgard de Lima, Alcides Oliveira, Durvalino Souza, Daniel Paulo Nasser, Edson Lopes, Machadinho, Victor Gonçalves e suas Mulatas

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Direção: Glauco Miurko Laurelli

Argumento: Amácio Mazzaropi, Periclés Moreira

Roteiro: Milton Amaral

Adaptação: Mara Lux

Direção de fotografia: Rodolfo Icsey

Fotografia de Cena: Valentim Cruz

Câmera: Geraldo Gabriel

Produção: Amácio Mazzaropi, Edson Lopes

Diretores de produção: Abílio Marques, Antônio B. Thomé



Assistente de produção: José Paulo Moreira

Som: Ernest Hack, Constantino Warnowsky

Montagem: Mauro Alice

Eletricista: Vitalino Muratori

Maquinista: Martino Martini

Cenografia: Poerino Massenzi

Figurino: Leonor de Almeida

Maquiagem: Maury Viveiros

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *A dor da saudade*, de Elpídio dos Santos, por Mazzaropi; *Último lamento* de Elpídio dos Santos, canta Edson Lopes; *Casinha Pequeninha*, de Elpídio dos Santos, arranjo da letra de José Isaú Pedro, por Mazzaropi

Continuidade: John Doo

Sistema de cor: Eastmancolor

Estúdio de filmagem: Fazenda Santa em Taubaté, interior de SP

Laboratório de imagem:

Metragem: 2.565,7 m, filmado em 35 mm; em 24 q.

Local de Produção: São Paulo, SP

### **8-O Lamparina**

Duração: 104 minutos

Ano de produção: 1963

Lançamento: 1964

Preto e Branco

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Manoel Vieira, Zilda Cardoso, Astrogildo Filho, Ana Maria Guimarães, Francisco de Souza, Rosemary Wong, Emiliano Queiroz, Carla Diniz, Agostinho Toledo, Ademir Rocha, Carlos Garcia, João Batista de Souza, David Cardoso, Rafael Tena, Kleber Afonso, Miguel Segatto

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Direção: Glauco Mirko Laurelli

Assistente de direção: Martino Martini

Argumento: Carlos Garcia  
Direção de fotografia: Rodolfo Icsey  
Câmera: Marcelo Primavera  
Assistente de câmera: Rosalvo Caçador  
Foco: Osvaldo Oliveira  
Still: José Amaral  
Produção: Amácio Mazzaropi  
Gerente de produção: Francisco de Souza  
Assistente de produção: José Galan  
Montagem: José R. Milani  
Assistente de Montagem: Alvim Barbosa  
Som: Constantino Warnowsky  
Microfonista: Alexandre Warnowsky  
Assistente de microfone: Miguel Segatio  
Cenografia: Pierini Massenzi  
Maquiagem: Maury Viveiros  
Direção musical: Hector Lagna Fietta  
Canções: *Alma Solitária* e *O Lamparina do Nordeste*, de Elpídio dos Santos, por Mazzaropi  
Continuidade: José Darcy Cardoso  
Laboratório de imagem: Rex Filmes S.A. (SP)  
Local de Produção: São Paulo, SP

### **9-*Meu Japão Brasileiro***

Duração: 102 minutos  
Ano de produção: 1964  
Lançamento: 1965  
Colorido  
Classificação: Livre  
Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Célia Watanabe, Zilda Cardoso, Carlos Garcia, Reynaldo Martini, Adriano Stuart, Elk Alves, Francisco Gomes, Judith Barbosa, Bob Junior, Ivone Hirata, Luiz Tokio, Luzia Yoshigumi, o menino João Batista de Souza, Maria Helena A. Côrrea, Agostinho Ribeiro,

Luiz Carlos Antunes, Francisco Bayo, Denise Duval, Armando Raquino, Cley Militello, Durvalino Souza, Cleide Binoto, Rosalvo Caçador, Luiz Rossini, Nelson Pio, Waldemar Salgado, Araif David, Massaqui Watanabe, Antonio Kazuo, Akira Matsuyama, Aristide Marques, Cleusa Maria, Humberto Militello

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Direção: Glauco Mirko Laurelli

Argumento: Gentil Rodrigues

Roteiro: Amácio Mazzaropi

Direção de fotografia: Rodolfo Icsey

Câmera: Geraldo Gabriel

Foco: Rosalvo Caçador, Marcelo Primavera, Oswaldo Oliveira

Assistentes: Carlos Garcia, Cláudio Maria

Produção: Amácio Mazzaropi

Som: Ernest Hack, Juarez Dagoberto Soares

Montagem: Glauco Mirko Laurelli

Eletricidade: Waldomiro Reis

Maquiagem: Maury Viveiros

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *Assim é a quadrilha*, de Mário Zan e Messias Garcia, por Mazzaropi; *Ingratidão*, de Elpídio dos Santos, por Mazzaropi; *Canção das flores*, de Heitor Carillo, por Rosa Pardini

Continuidade: José Cardoso

Estúdio de filmagem: Companhia Cinematográfica Vera Cruz (São Bernardo do Campo, SP)

Laboratório de imagem: Rex Filmes S.A. (SP)

Metragem: 2714,6 m, filmado em 35mm, em 24 q

Local de Produção: São Paulo, SP

### **10- *O puritano da Rua Augusta***

Duração: 102 minutos

Ano de produção: 1965

Lançamento: 1966

Preto e branco

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Marly Marlei, Marina Freire, Elizabeth Hartman, Edgar Franco, Henricão, Gladys, Julia Kovacs, Darla, Marlene Rocha, Carlos Garcia, Zé Luiz Batista Pinho, Claudio Maria, Augusto Cesar Ribeiro, Aristides M. Ferreira, Cleusa Maria, Etelvina dos Santos, Humberto Militello, Durvalino Simões, Sônia Maria dos Santos, João Batista de Souza, Celso F Guizard

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Distribuição: PAM Filmes (SP)

Direção: Amácio Mazzaropi

Assistente de direção: John Doo

Argumento: Amácio Mazzaropi

Colaborador do roteiro: Alvim Barbosa

Direção de fotografia: Giorgio Atili

Câmera: Geraldo Gabriel

Assistente de câmera: Rosalvo Caçador

Foco: Marcial Allonso

Produção: Amácio Mazzaropi

Som: Constantino Warnowsky

Assistente de som: Alexandre Warnowsky

Montagem: Mauro Alice

Maquiagem: Maury Viveiros

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *Sou mais eu- Let Kiss* (sic), de Nazareno de Brito, por Mazzaropi; *O neguinho e a senhorinha*, de Noel Rosa e Abelardo da Silva, por Elza Soares; *Você fugiu da escola*, de Dora Lopes e Gilberto Lima, por Claudio Guimarães; *Hino dos ciprianistas*, de Elpídio dos Santos

Conjuntos: The Jordans; Lancaster; Waldir Mussi e seu conjunto

Continuidade: Adalberto Pena

Estúdio de filmagem: Companhia cinematográfica Vera Cruz (São Bernardo do Campo, SP)

Laboratório de imagem: Rex Filmes S.A. (SP)

Metragem: 2598,8, filmado em 35mm, em 24q

Local de Produção: São Paulo, SP

**11- O Corintano**

Duração: 98 minutos

Ano de produção: 1966

Lançamento: 1967

Preto e branco

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Elizabeth Marinho, Lucia Lambertini, Nicolau Guzzardi (Totó), Carlos Garcia, Roberto Pirillo, Leonor Pacheco, Roberto Orosco, Augusto Machado de Campos, Xandó Batista, Francisco Gomes, Olten Ayres de Abreu, Gláucia Maria, Herta Hille, Ziara Freire, João Batista de Souza, Humberto Miltello, Rogério Câmara, Augusto Cesar Ribeiro, Kapê, Cláudio Maria, Eliza- Chefe da torcida corinthiana

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Direção: Milton Amaral

Assistentes de direção: Livio Norbert Spiegler, Pena Filho

Argumento: Amácio Mazzaropi

Roteiro: Milton Amaral

Direção de fotografia: Rodolfo Icsey

Câmera: Geraldo Gabriel

Assistentes de câmera: Rosalvo Caçador, Gyula Holozvary (sic)

Gerente de produção: Carlos Garcia

Assistentes de produção: Argeu Ferrari, Cláudio Maria

Produção: Amácio Mazzaropi

Som: Constantino Warnowsky

Microfonista: Agostinho Souza

Gravação: Flavio b Corrêa

Eletricidade: Girolano Bruno

Maquinista: Pedro C. Toloni

Edição: Máximo Barro

Assistente de montagem: Henrique Magalhães

Maquiagem: Gilberto Marques

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canção: *Canção do Burrinho*, de Elpídio dos Santos, por Mazzaropi

Desenho animado: Marcelo G. Tassara, J. G. Carvalho

Narração esportiva: Pedro Luiz

Comentários esportivos: Geraldo Bretas

Coreografia: Maria Helena Mazzaeti

Estúdio de filmagem: Fazenda Santa em Taubaté, interior de SP

Laboratório de imagem: Rex Filmes S.A. (SP)

Metragem: 2727,2 m, folgado em 35mm em 24q

Local de Produção: São Paulo, SP

## **12- O jeca e a freira**

Duração: 102 minutos

Ano de produção: 1967

Lançamento: 1968

Colorido

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Maurício do Valle, Elizabeth Hartman, Nello Pinheiro, Pauletti Bonelli, Carlos Garcia, Izaura Bruno, Claudio R, Mecchi, Denise Barreto, Ewerton De Castro, Elizabeth Marinho, Henricão, Mafalda Moura, João Batista de Souza, Marita Luisi, Roberto Pirilli, Telcy Perez, Tony Cardi, Wilson Luisi, Sheila Greto

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Direção: Amácio Mazzaropi

Assistente de direção: Abílio Marques Filho

Argumento: Amácio Mazzaropi

Roteiro: Amácio Mazzaropi

Fotografia: Rodolfo Icsey

Som: Juarez Dagoberto Costa

Montagem: Máximo Barro

Cenografia: Pierino Massenzi

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *Delírio Negro* de Elpídio dos Santos, por Marita Luisi; *Jeca Magoado* de Elpídio dos Santos, por Mazzaropi

Continuidade: Roberto Pirillo

Laboratório de imagem: Rex Filmes S.A. (SP)

Local de Produção: São Paulo, SP

### **13-No paraíso das solteironas**

Duração: 95 minutos

Ano de produção: 1968

Lançamento: 1969

Colorido

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Átila Iório, Iracema Beloube, Carlos Garcia, Wanda Marchetti, Renato Master, Elizabeth Hartman, Claudio Roberto Mechi, Adélia Iório, Domingos Terras, Elizabeth Barbosa, Yves Rublet, Gina Rinaldi, Tony Cardi, Judith Barbosa, Zequinha, Nena Viana, Quinzinho, Yaratan Lauletta, Pascoal Guida, Ademir Monezzi, Nilo Márcio, Cícero Liendo, Linda Fernandes, Elza Cleonice

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Distribuição: PAM Filmes (SP)

Direção: Amácio Mazzaropi

Argumento: Orlando Padovan

Roteiro: Amácio Mazzaropi

Direção de fotografia: Pio Zamner

Produção: Amácio Mazzaropi

Equipe de produção: Carlos Garcia, José Augusto, Wilson Garrucho, Cláudio Maria, José Manuel

Som: Flávio B. Côrrea

Montagem: Glauco Miurko Laurelli

Cenografia: José Vieira

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *Minha Vaquinha*, música e letra de Elpídio dos Santos; solos de violino de Elias Slon

Laboratório de imagem: Rex filme S.A. (SP)

Local de Produção: Taubaté, interior de SP

**14- Uma pistola para Djeca**

Duração: 90 minutos

Ano de produção: 1969

Lançamento: 1969

Colorido

Elenco: Amácio Mazzaropi, Patrícia Mayo, Rogério Câmara, Wanda Marchetti, Paulo Bonelli, Yaratan Lauretta, Nello Pinheiro, Elizabeth Hartman, Rildo Gonçalves, Zaíra Cavalcanti, Carlos Garcia, Linda Fernandes, Antenor Pimenta, Nena Fernandes, Araken Saldanha, Claudio Roberto Mecchi, Domingos Terras, Durvalino Souza, Iragildo Mariano, Francisco Gomes, Luiz Homero, Milton Pereira, Tony Cardi, Tony Vieira

Classificação: Livre

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Distribuição: PAM Filmes (SP)

Direção: Ary Fernandes

Argumento: Amácio Mazzaropi

Roteiro: Amácio Mazzaropi, Ary Fernandes

Direção de fotografia: Pio Zamuner

Produção: Amácio Mazzaropi, Carlos Garcia

Equipe de produção: Cláudio R. Mecchi, Joaquim de Freitas, Péricles Moreira, Argeu Ferrari

Som: Flávio B. Corrêa

Montagem: Glauco Miurko Laurelli

Cenografia: José A. Vieira

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *Canção do Vento* de Paulo Kiko, por Silvana; *Confins do meu sertão* de Ademir Monezzi e Carlos Paschoalin, por Mazzaropi; *Catira* de Elpídio dos Santos, por Os Caçulas e Afonso Barbosa

Continuidade: Irivaldo Carlos

Gerente: Salvador Amaral

Estúdio de filmagem: Fazenda Santa em Taubaté, interior de SP

Laboratório de imagem: Rex Filmes S.A. (SP)

Local de Produção: Taubaté, interior de SP



**15-Betão Ronca Ferro**

Duração: 100 minutos

Ano de produção: 1970

Lançamento: 1971

Colorido

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Roberto Pirillo, Dina Lisboa, Araken Saldanha, Dilma Lóes, Claudio Roberto Mecchi, Yabatan Lauretta, Tony Vieira, Gilmara Sanches, Henricão, Ester Foseca, Milton Pereira, Judith Barbosa, Reginaldo Peres, Kleber Afonso, Roberto Câmara, Linda Fernandes, Rogério Câmara, Carlos Garcia

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Direção: Geraldo Afonso Miranda

Argumento: Amácio Mazzaropi

Roteiro: Kleber Afonso, Tito de Miglio

Direção de fotografia: Pio Zamuner

Produção: Amácio Mazzaropi

Equipe de produção: Carlos Garcia, Cláudio Robert

Som: Juarez Dagoberto Costa

Montagem: Glauco Miurko Laurelli

Cenografia: José A. Vieira

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *Tardes em Lindóia*, de Zequinha de Abreu e Pinto Martins (Toada); *Em busca da paz*, de Paulo Kiko e Elpídio dos Santos, por Mazzaropi; *Sanfona da véia*, de Brinquinho Brioso e Raul Torres, por Mazzaropi

Continuidade: Maria Sílvia de Souza

Local de Produção: Taubaté, interior de SP

**16-O Grande Xerife**

Duração: 95 minutos

Ano de produção: 1971

Lançamento: 1972

Colorido

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Patrícia Mayo, Paulo Bonelli, Tony Cardi, Paulette Bonelli, Araken Saldanha, Augusto Cesar Ribeiro, Cláudio Roberto Mecchi, Jandira Camara, Gentil Rodrigues, Ester de Oliveira Carlos Garcia, João Batista de Souza, Cavagnole Neto, Judith Barbosa, Rogério Câmara, Nena Viana, José Velloni, Linda Fernandes, Wanda Marchetti, José Matheus, Argeu Ferrari, Grupo folclórico Esticadinhos de Cantanhede (Participação especial)

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Distribuição: PAM Filmes (SP)

Direção: Pio Zamuner

Argumento: Amácio Mazzaropi, Marcos Rey

Roteiro: Pio Zamuner, Rajá de Aragão

Direção de fotografia: Pio Zamuner

Produção: Amácio Mazzaropi

Diretores de produção: Carlos Garcia, Claudio Roberto Meche

Som: Rolando Alves

Montagem: Roberto Leme

Supervisor de montagem: Glauco Miurko Laurelli

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *O grande xerife* de Paulo Kiko, por Mazzaropi; *Perguntei para a saudade*, de Henricão, por Mazzaropi (Participação especial do grupo folclórico Esticadinhos do Catanhede).

Continuidade: Maurício Miguel

Estúdio de filmagem: Fazenda Santa em Taubaté, interior de SP

Laboratório de imagem: Rex Filmes S.A. (SP)

Local de Produção: Taubaté, interior de SP

### **17-Um caipira em Bariloche**

Duração: 100 minutos

Ano de produção: 1973

Lançamento: 1973

Colorido

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Beatriz Bonnet, Ivan Mesquita, Carlos Valone, Edgard Franco, Geny Prado, Maria Luiza Robledo, Analu Gracie, Fausto Rocha Jr, Judith Barbosa, Claudio Roberto Mecchi, Maria Quitéria, Carlos Garcia, Edgar Araújo, Elizabeth Barbosa, Nhô Tide, Suzy Dalle, Paulo Vila, Cavagnole Neto, Antônio Fernandes, Argeu Pereira, Iragildo Mariano, Victor Gonçalves e suas mulatas, Cláudia Serine, Alda Faria, Maria José, Paulo Sérgio, Elza Soares

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Distribuição: PAM Filmes (SP)

Direção: Amácio Mazzaropi, Pio Zamuner

Argumento: Amácio Mazzaropi

Roteiro: Pio Zamuner

Direção de fotografia: Pio Zamuner

Produção: Amácio Mazzaropi

Equipe de produção: Carlos Garcia, Claudio Roberto Meche, Márcio Camargo, Carlos Augusto Galo

Som: Flávio B. Côrrea

Montagem: Mauro Alice

Cenografia: José A. Vieira

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *Todo mundo cantando* de Tony Danilo, por Paulo Sérgio; *Rio, carnaval dos carnavais* de Padeirinho, Nilton Russo e Moacir, por Elza Soares; *Guacira* de Hecket Tavares e Joracy Camargo, por Mazzaropi; *Mi Buenos Aires Querida* de Carlos Gardel e Alfredo La Paia

Continuidade: Maria Sílvia de Souza

Estúdio de filmagem: Fazenda Santa em Taubaté, interior de SP. (Locações na Argentina)

Laboratório de imagem: Rex Filmes S.A. (SP)

Local de Produção: Taubaté, interior de SP

### **18-Portugal, minha saudade**

Duração: 100 minutos

Ano de produção: 1973

Lançamento: 1974

Colorido

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Gilda Valença, David Neto, Pepita Rodrigues, Fausto Rocha Jr, Elizabeth Hartman, Dina Lisboa, Ana Luiza Lancaster, Adelaide João, Júlio César, Marília Gama, Ângela Maria

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Distribuição: PAM Filmes (SP)

Direção: Amácio Mazzaropi

Argumento: Amácio Mazzaropi

Roteiro: Amácio Mazzaropi

Direção de fotografia: Pio Zamuner

Produção: Amácio Mazzaropi

Equipe de produção: Carlos Garcia, João Batista de Souza, Carlos Augusto Gallo

Som: Flávio B. Côrrea

Montagem: Roberto Leme

Edição: Ademir Francisco

Cenografia: José A. Vieira

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *Fim de Ano; Eu sou assim; Mangueira minha madrinha; Portugal minha saudade*

Continuidade: Célia Maria Padilha

Locais de Produção: Taubaté (SP), Coimbra, Fátima e Lisboa (Portugal)

### **19- O Jeca macumbeiro**

Duração: 87 minutos

Ano de produção: 1974

Lançamento: 1975

Colorido

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Gilda Valença, Jofre Soares, Selma Egrei, Ivan Lima, José Mauro Ferreira, Maria do Rocio, Aparecida de Castro, Felipe Levy,

Broto Cubano, Araken Saldanha, Jair Talarico, Pirolito, José Velloni, Miltinho, Messias- Netinho

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Distribuição: PAM Filmes (SP)

Direção: Amácio Mazzaropi, Pio Zamuner

Argumento: Amácio Mazzaropi

Roteiro: Amácio Mazzaropi

Direção de fotografia: Pio Zamuner

Produção: Amácio Mazzaropi

Diretor de produção: Carlos Garcia

Som: Flávio B. Côrrea

Montagem: Inácio Araújo

Cenografia: José A. Vieira

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *Luar do Sertão* de Catulo da Paixão Cearense, por Mazzaropi; *Tocando a boiada* de Mazzaropi, por Miltinho e Messias; *Lavadeiras do amor* de Hector Lagna Fietta e Carlos Cesar

Estúdio de filmagem: Fazenda Santa em Taubaté, interior de SP

Local de Produção: Taubaté, interior de SP

### **20-Jeca contra o Capeta**

Duração: 97 minutos

Ano de produção: 1975

Lançamento: 1976

Colorido

Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Roberto Pirillo, Néa Simões, Fausto Rocha Jr, Rose Garcia, Jair Talarico, Leonor Navarro, Jorge Pires, Aparecida de Castro, José Mauro Ferreira, Carlos Garcia, Cavagnole Neto, Macedo Netto, Rui Elias, Luiz Carlos de Oliveira, Almerinda dos Santos, Peter Pan, Élcio Rosa, Agner, Wander

Classificação: Livre

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Distribuição: PAM Filmes (SP)

Direção: Amácio Mazzaropi, Pio Zamuner

Argumento: Amácio Mazzaropi

Roteiro: Pio Zamuner, Gentil Rodrigues

Direção de fotografia: Pio Zamuner

Produção: Amácio Mazzaropi

Diretor de produção: Carlos Garcia

Som: Júlio P. Calabar

Montagem: Walter Wann

Cenografia: José A. Vieira

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *Inspiração do Jeca* de Mazzaropi, Antonio dos Santos e Hector

Lagna Fietta, por Mazzaropi; *Balada para um morto* de Hector Lagna Fietta

Continuidade: Marta Salomão Jardim

Estúdio de filmagem: Estúdios da PAM filmes, em Taubaté (SP)

Laboratório de imagem: Rex filmes S.A.

Local de Produção: Taubaté, interior de SP

### **21-Jecão... Um fofaqueiro no céu**

Duração: 105 minutos

Ano de produção: 1977

Lançamento: 1977

Colorido

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Paulo Greven, Dante Ruy, Gilda Valença, Denise Delvechi, Edgard Franco, Elizabeth Hartman, João Paulo, Leonor Navarro, Rose Garcia, Armando Paschoalim, Augusto Cesar Ribeiro, André Luiz de Toledo, José Velloni, Pirolito, Aron Jafte, Oswaldo Carmo, Jesuíno G. Santos, Sérgio Luiz Carvalho, Aparecido Ferrari, Dante Luiz, Paulo Castellari, Paulo Celso Toledo, Luiz Alberto Barros, Benedito Martins, Laudelino Teixeira, Genésio Carvalho, Argeu Ferrari, Ahio de Oliveira, Benice Dias Beline, Benedito Francisco Soares, Carlos Garcia

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Distribuição: PAM Filmes (SP)

Direção: Amácio Mazzaropi, Pio Zamuner

Argumento: Amácio Mazzaropi

Roteiro: Amácio Mazzaropi, Pio Zamuner

Direção de fotografia: Pio Zamuner

Produção: Amácio Mazzaropi

Gerente de produção: Carlos Garcia

Som: Ubirajara de Carvalho e Castro

Montagem: Mauro Alice

Cenografia: Amácio Mazzaropi

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *Carimbó no céu* de Jerusalém, por Mazzaropi; *Bailado do inferno* música de Hector Lagna Fietta, por Mazzaropi

Continuidade: Suely Ueda

Estúdio de filmagem: Estúdios da PAM Fimes em Taubaté (SP)

Laboratório de imagem: Revela S.A.

Local de Produção: Taubaté, interior de SP

## **22-Jeca e seu filho preto**

Duração: 104 minutos

Ano de produção: 1977

Lançamento: 1978

Colorido

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Yara Lins, Carmen Monegal, David Neto, Elizabeth Hartman, Joanes Dandarô, Leonor Navarro, Denise Assunção, Henricão, Everaldo Bispo de Souza (Lobão), James Lins, Rose Garcia, Jair Talarico, José Velloni, Gilda Valença, Valter Mendonça Cris, Augusto César Ribeiro, João Paulo, José Luiz de Lima, André Luiz de Toledo

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Distribuição: PAM Filmes (SP)

Direção: Pio Zamuner, Berílio Faccio

Argumento: Amácio Mazzaropi

Diretor de produção: Carlos Garcia

Roteiro: Rajá de Aragão

Direção de fotografia: Pio Zamuner

Produção: Amácio Mazzaropi

Som: Norival Gonçalves de Moura

Montagem: Walter Wanní

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *Despertar do sertão* de Elpídio dos Santos e Pádua Muniz, por Mazzaropi; *Maria do mar* de Gilda Valença e Fernando Sanxo, por Gilda Valença

Continuidade: Cristina Santel

Estúdio de filmagem: Estúdios da PAM Filmes em Taubaté (SP)

Laboratório de imagem: Revela S.A.

Local de Produção: Taubaté, interior de SP

### **23-A *banda das velhas virgens***

Duração: 100 minutos

Ano de produção: 1978

Lançamento: 1979

Colorido

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Renato Restier, André Luiz de Toledo, Cristina Neves, Marcos Weinberg, Heloísa Raso, Gilda Valença, Denise Assunção, Aparecida Baxter, Paulo Pinheiro, Will Damas, Felipe Levy, José Velloni, Guiomar Pimenta, Carlos Garcia, Leonardo Camilo, Antonio Rod, Augusto César Gevara, Douglas Tadeu

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Distribuição: PAM Filmes (SP)

Direção: Amácio Mazzaropi, Pio Zamuner

Argumento: Amácio Mazzaropi

Roteiro: Amácio Mazzaropi, Rajá de Aragão

Direção de fotografia: Pio Zamuner

Produção: Amácio Mazzaropi

Som: Norival Gonçalves de Moura



Montagem: Walter Wanní

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canção: *Alegria de viver* (toada) de Hector Lagna Fietta e Juvenal Fernandes, por Mazzaropi

Continuidade: Marta Salomão Jardim

Estúdio de filmagem: Estúdios da PAM Fimes em Taubaté (SP)

Laboratório de imagem: Revela S.A.

Local de Produção: Taubaté, interior de SP

### **24-O Jeca e Égua Milagrosa**

Duração: 105 minutos

Ano de produção: 1979

Lançamento: 1980

Colorido

Classificação: Livre

Elenco: Amácio Mazzaropi, Geny Prado, Turíbio Ruiz, Gilda Valença, MArCIA Delfonso, Augusto César Ribeiro, Roberval de Paula, Paulo Pinheiro, Francisco Tadeu Alves, André Luiz de Toledo, Wilson Damas, José Velloni, Guiomar Pimenta, José Minelli Filho, Júlio César

Companhia produtora: PAM filmes (Taubaté, SP)

Distribuição: PAM Filmes (SP)

Direção: Amácio Mazzaropi, Pio Zamuner

Argumento: Amácio Mazzaropi

Roteiro: Amácio Mazzaropi, Kleber Afonso

Direção de fotografia: Pio Zamuner

Câmera: Virgílio Roveda

Assistente de câmera: Antônio Franciso Rovagnoli

Foco: Virgílio Roveda

Produção: Amácio Mazzaropi

Direção de produção: Carlos Garcia

Som: Norival Gonçalves de Moura

Montagem: Walter Nanni

Cenografia: Amácio Mazzaropi

Maquiagem: Nena Vianna

Direção musical: Hector Lagna Fietta

Canções: *Minha toada* de Dolores Duran e Edson França, por Mazzaropi;

*Sertão em flor* de Crisóstomo Faria, por Danilo e Daniel

Continuidade: Marta Salomão Jardim

Estúdio de filmagem: Estúdios da PAM Fimes em Taubaté (SP)

Laboratório de imagem: Revela S.A.

Local de Produção: Taubaté, interior de São Paulo